



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CLCH: CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

JUNIOR RODRIGUES LIMA

GIORDANO BRUNO E O PAPADO INQUISITORIAL

Londrina

2012

JUNIOR RODRIGUES LIMA

GIORDANO BRUNO E O PAPADO INQUISITORIAL

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentada à UEL (Universidade Estadual de Londrina) como requisito parcial para obtenção da graduação em História.

Orientador (a): Dr.(a) Sylvia Ewel Lenz

Londrina
2012

JUNIOR RODRIGUES LIMA

GIORDANO BRUNO E O PAPADO INQUISITORIAL

Monografia (Trabalho de Concluso de Curso) apresentada à UEL (Universidade Estadual de Londrina) como requisito parcial para obtenção da graduação em História.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Sylvia E. Lenz - Professora Orientadora.

Francisco César A. Ferraz - Componente da Banca.

Marcio Santana de Santos - Componente da Banca.

Londrina, ____ de _____ de 2012.

DEDICATÓRIA

*À Helena, amada e inspiradora mãe;
Pedro (28/11/2007 a 10/10/2008) Marina e Paulo,
filhos, amor como universo infinito, e o mundo;
Josaine, boa mãe e esposa, obrigado por me
aturar.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, e a minha família:

Meu irmão e companheiro, Eder Lima, não existe palavra de amizade mais forte que esta: irmão.

A meu pai: João, minha mãe: Helena e minha esposa: Josaine.

Agradeço sem exceção a todos os meus familiares, parentes e amigos, especialmente aos meus primos: Maciel e Ricardo, o combustível de uma amizade é saber com quem podemos contar; obrigado por sempre fazerem parte da minha vida. Registro um abraço a minha Tia Leonor, em muitos momentos encarregou-se do papel de mãe, e o meu querido Tio “Zézinho” e ao meu padrinho Joaquim.

De forma póstuma agradeço aos concelhos de meu Tio Mário; fanático torcedor do Santos, e de minha avó, Maria Rosa; “Madrinha” registro que tenho orgulho de levar comigo seu sangue, e ao eterno e amado Pedro; meu primogênito e inesquecível, gostaria que soubesse que fui presenteado ao ser seu pai.

A Marina e Paulo, amados filhos, desejo que sempre continuem criativos, curiosos, felizes e unidos.

Aos meus amigos de infância: “amigos da Sebastião C. Lobo” que são pessoas com que passei horas agradáveis, hora jogando conversa fora, hora jogando futebol ou vídeo game ou assistindo futebol e filmes ou estudos, e praticamente tudo que amigos fazem: Everton, Robson, Daniel, Paulo, Rafael, Wilson, André, Rodrigo, Cleber e tantos outros.

Em sentido singular, contudo semelhante, aos amigos do Curso e História: Gilberto, Marcos, Mario, “Burgues” e Marcio e Tamara e Ariane, e tantos outros, obrigado por dividirem não só dúvidas, como o prazer de vossas amizades e companheirismo, e a todos os amigos de toda vida escolar e acadêmica.

Agradeço ao ambiente e ao acervo da Biblioteca (Setorial CLCH e Central) da Universidade Estadual de Londrina, fundamental para elaboração deste e outros trabalhos. A toda estrutura física fornecida pela UEL ao longo deste período acadêmico, proporcionado com qualidade, assim como os esforços contínuos do Departamento de História e do CLCH que promoveram salas ventiladas e toda estrutura qualificada voltada ao aprendizado e respectivos eventos.

Um abraço especial ao inestimável capital humano da UEL, aos professores com que tive a sorte de participar de suas aulas. A Celina e Fumiko que prestam um excepcional trabalho junto ao Departamento de História. Aos amigos do Xérox, e a todos os colaboradores e suas funções vitais.

Obrigado aos professores elencados em primeiro lugar por aceitarem o convite, e a posterior por disponibilizarem de seu tempo para ler este trabalho e participar da Banca.

Agradeço ao professor Gabriel: O co-orientador informal e universal, em simples palavras, elogio o seu bonito trabalho junto a toda turma de alunos do quarto ano ministrada pelo mesmo.

E por fim agradeço a professora Sylvia Ewel Lenz, que aceitou me orientar, me guiar, a desembaraçar o emaranhado de ideias neste primeiro trabalho de iniciação científica. Obrigado pelas leituras, por ter me convidado para assistir a Banca de um de seus orientandos, por todo aprendizado, pelos e-mails, pelas correções, pelas dicas, reuniões, críticas e sugestões. Obrigado por sua brilhante orientação. Obrigado por buscar tentar me entender, isto por si só não é fácil.

LIMA, JUNIOR RODRIGUES. **Giordano Bruno e o Papado Inquisitorial**. 2012. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo a proposta de analisar o caso deste polêmico personagem da história, Giordano Bruno (1548 – 1600), no que tange a influência de seu pensamento a ponto de ter como inimiga uma das maiores forças política e cultural que a humanidade já presenciou; a Igreja Católica Apostólica Romana. Os limites temporais para tanto é a data de edição de sua obra: 1584, e o contexto inquisitório levantado, este último que temporalmente se entende maior que o período que Bruno viveu. Os objetivos deste trabalho são: pesquisar e valorizar de forma crítica os escritos desenvolvidos pelos principais estudiosos a respeito de Giordano Bruno, com ênfase nos motivos que fizeram dele “um homem perigoso” a ponto de ser perseguido, condenado e assassinado pela Santa Inquisição em 1600. Observamos necessário para compreensão de sua obra tentar entender o pensamento do autor, ora marcado pelo ideal aristotélico representante de uma filosofia conservadora, ora marcado por um novo ambiente estrutural explicativo, e para isso analisamos o contexto histórico em que o pensador viveu, e que o condenou, como caráter facilitador prévio para estudo do objetivo principal: a análise do Diálogo Quinto, da obra de Giordano Bruno: *Del 'Infinito, Universo et Mondi*. Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos. O livro de Bruno é constituído em cinco diálogos. O que torna a leitura do Diálogo Quinto especial é o contato insubstituível com a Fonte, que nesta interpretação visa à tentativa de entender o final do pensamento de um grande personagem histórico que não tinha pudor algum ao se intitular “ilustríssimo Cavaleiro”.

Palavras-chave: Astronomia ptolomaica, Escolástica, Copérnico, Universo infinito.

LIMA, JUNIOR RODRIGUES. **Giordano Bruno and the Papacy Inquisitorial**. 2012. 56f. Work of Graduation Conclusion (History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012.

ABSTRACT

The work has as objective to analyze the proposal if this polemic character in the story, Giordano Bruno (1548 - 1600), regarding the influence of his thought as to have as an enemy of the biggest political and cultural forces that humanity has ever witnessed, the Roman Catholic Church. The time limits for both is the date of publication of his doing: 1584, and raised inquisitorial context, the latter is meant to temporarily larger than the period Bruno lived. The objectives of this work are: search and valorize the critical writings developed by leading scholars about Giordano Bruno, with emphasis on the reasons that made him "a dangerous man" to the point of being persecuted, condemned and killed by the Inquisition in 1600. We observe necessary for understanding his job trying to understand the thinking of the author, now marked by the Aristotelian ideal representative of a conservative philosophy, now marked by a new structural environment explanatory, and for this we analyze the historical context in which the thinker lived, and that the condemned as character study facilitative prior to the main objective: the analysis of the Fifth Dialogue, the work of Giordano Bruno: *Del 'Infinite Universe et Mondi*. On the Infinite Universe and Worlds. The book consists of Bruno in five dialogues. What makes the reading of the Fifth Special Dialogue is irreplaceable contact with Source, that this interpretation is aimed at trying to understand the end of the thought of a great historical personage who had no some shame to call himself "illustrious Knight".

Key words: Ptolemaic astronomy, Scholasticism, Copernican, Infinite universe.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. GIORDANO BRUNO: UM HOMEM DE IDÉIAS PERIGOSAS?.....	16
1.1 POSSIBILIDADES COMPLEMENTARES	25
2. A MENTE DE UM INLUSTRÍSSIMO CAVALEIRO	34
2.1 O LIVRO E SUA ESTRUTURA.....	37
2.2 O DIÁLOGO QUINTO.....	43
3. CONCLUSÃO	52
4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	54
4.1 OUTRAS REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Se eu, ilustríssimo Cavaleiro, manejasse um arado, apascentasse um rebanho, cultivasse uma horta, remendasse uma veste, ninguém me daria atenção, poucos me observariam, raras pessoas me censurariam e eu poderia facilmente agradar a todos.¹

Estudar algo relacionado a Giordano Bruno pode parecer como escolher a obra de mais um influente pensador que teve seu devido trabalho reconhecido, se não durante a sua vida, para a eternidade. Remetendo aos pensadores, coevos Bruno, como Maquiavel (1469-1527), Erasmo (1469-1527), Thomas More (1469-1527) dentre tantos vários, e grandes eventos como a eclosão da reforma de Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564) desta forma, Bruno (1548-1600) vivenciou em período de ruptura das mentalidades que por sua vez também provocou movimentos repressores, como a Contra Reforma.

Bruno, pautado no fato de ele ser um pensador que viveu neste período de revolução das mentalidades, podendo ser assim “mais um” marcante pensador de seu tempo. A influência de Bruno de fato foi grande a ponto de incomodar seriamente a mais poderosa instituição da época, assim como outros pensadores o fizeram, porém o que destaca Giordano Bruno dos demais, é que ele era um padre por formação, “ao voltar-se contra aos ideais da Igreja Católica” tornava-se extremamente perigoso aos planos conservadores, nos dois sentidos que essa palavra pode ter, de conservar o poder, e de ser conservadora, de poucas mudanças.

A influência de Giordano Bruno representaria à Igreja, que já estava sentido os efeitos da nova atmosfera de pensamentos, um final definitivo.

Nascido em Nola, cidade pequena perto de Nápoles, na Itália em 1548, filho de italiano, militar, Sr. João Bruno e de mãe, de origem germânica, Sra. Flaulisa Savolino, foi batizado como Felipe, porém quando começou a frequentar o convento napolitano de São Domingos teve seu nome mudado para Giordano.

¹ (Epístola Preambular escrita por BRUNO: 1584) BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.3.

Dez anos depois de ele ter iniciado os hábitos de clérigo dominicano doutorou-se em teologia em 1575. Nesse período teve contato com boa parte da filosofia grega e medieval e a cabala judaica, impressionado particularmente pelo “onisciente Lúlio” (1233–1315) o “magnânimo Copérnico” (1473–1543) e o “divino Cusano” (1401–1464). Esses estudos acabam por afastar Bruno da ortodoxia católica como também trouxe a consequência de constantes censuras e admoestações dos superiores, e em detrimento aos fatos foi processado por heresia, mas salvou-se fugindo para Roma.

Fica pouco tempo nesta cidade, Abandona as vestes sacerdotais e passa a peregrinar pelo norte da Itália, ensinando astronomia e escrevendo uma pequena obra, hoje perdida, Sobre os Sinais dos Tempos.²

Giordano Bruno, julgado e condenado pela Santa Inquisição, assassinado pela mesma em 1600, por ser adepto da teoria heliocêntrica de Copérnico (1473 1543). O que fazia deste padre itinerante uma ameaça aos interesses da Igreja Católica seria o seu gosto pela ciência?

O pensador Italiano respirava ares de uma atmosfera voltada ao “novo” relacionamento do homem e a natureza que florescia na Europa, se tornando não apenas um adepto como também um divulgador da teoria copernicana e a aprimorando-a.

A isto estudos recentes como o de Thomas Kuhn³, apontam que as evoluções da ciência, como, por exemplo, durante a passagem do sistema ptolomaico para o copernicano, que viveu Bruno, provocam mudanças na visão dos cientistas, mesmo que estes empreguem instrumentos já conhecidos e examinem pontos já estudados.

Para estudar a obra de um polêmico e misterioso personagem como Giordano Bruno é necessário o entender do contexto do período em que viveu e, principalmente, a leitura de suas obras. Recentemente é que a contemporaneidade teve acesso ao seu acervo, não provável se se perdera algo⁴ além da já citada obra: Sobre os Sinais dos Tempos, mas ainda assim é verificável uma boa quantidade de

² BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. VIII.

³ Neste sentido, o Autor fala sobre como mudanças de paradigma levam os cientistas a verem o mundo de outra forma: “*Isso ocorre porque a visão do cientista depende de treino mediante as teorias. O que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver. Na ausência de tal treino, somente pode haver o que William James chamou de "confusão atordoante e intensa"*.” KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas** Tradução: Beatriz Vianna Doeira e Nelson. Boeira. - 9 ed. - São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 150.

⁴ Ver nota Nr. 15 p. 22.

seus estudos, onde o referencial deste trabalho é uma de suas obras principais de título original: *Del 'Infinito, Universo et Mondis* Sobre o infinito, o universo e os mundos Traduções de **Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lôbo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Questões como origem e mistérios do universo são questões perenes, e sempre atuais. Neste ano de 2012 faz exatos seis anos que foi realizado um questionamento no site: YAHOO RESPOSTAS (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061211154400AAUJy9C>) Disponível em: 12/01/2012 as 14h01min; e foi o seguinte: **“Por que o universo é infinito ?”** Pergunta de autoria do codinome: Hazene, e a “melhor resposta”, segundo norma vigente do referido site, até o fechamento deste trabalho, obedece a um critério de maior porcentagem, mas outras respostas menos votadas também são apontadas. O tema gerou 15 respostas e, segundo critério, é escolhida por votação pelos próprios usuários a resposta número Um e, assim sendo, é a resposta que tem mais votos é conseqüentemente considerada como a melhor.

A “melhor resposta” para a questão levantada por “Hazene”, escolhida por votação, em plena contemporaneidade, é de autoria de “Emanuell” com 25% dos votos; “Emanuell” Responde: **_ Porque Deus “quiz” assim.**

Há vários tipos de respostas ao tema levantado, algumas com tentativa de respaldo na razão ciência, todavia mesmo entre estas há divergências.

Exemplo disso, a discussão pertinente ao tema, se inicia após crítica a uma resposta dada por um usuário sem identificação; Com 0% dos votos, Usuário sem identificação responde: **_ Porque ninguém ainda descobriu aonde ele termina.**

Em seguida a isso responde com 0% dos votos “dina_sau”: **_ Quem contou essa mentira pra você ? O universo é FINITO, como a física já comprovou através do estudo do Efeito Doppler na luz das galáxias mais distantes, isto é, os físicos puderam determinar que o universo esta se expandindo.**

Contrapondo a ideia de finitude levantada inicialmente por Usuário de codinome “dina_sau”, e outros usuários que também defendem que o universo tem fim, responde com 13% dos votos “Augusto”: **_ Por que não há limite territorial como no planeta terra ou em outros astros... “a” galáxia “e” infinita ... “na” existe extensão, medida, latitude, longitude, profundidade, largura, comprimento, altura, etc. A combinação de quantidade dos números “e”**

infinita no sistema decimal de algarismo e 10 (0,1,2,3,4,5,6,7,8,9)... “A matemática e o universo tem algo em comum e incalculável”.

Ao deparar-se com o citado site e as respectivas respostas para tentativa de entender o Universo e o Infinito, nota-se que a questão esta ainda sem uma solução aparente, ou que não é de consenso da maioria das pessoas ali contidas, mesmo existindo versão dita científica, carece uma versão objetiva, una e fidedigna. As respostas são plurais para um tema específico, e traz em século XXI elementos de permanência de interpretação de caráter verificável marcadamente no medievo, como também em períodos subseqüentes, e aparentemente enraizados hoje, como, por exemplo, a já citada e mais votada resposta justificadora da imagem de que mistérios do universo passam pela vontade de Deus, que pode parecer mais nítida, como também é observada a questão semelhante à de viés matemática: “Na época medieval, os matemáticos conheciam as séries finitas. Havia um jogo, chamado *rhythmomachia*, com regras para formar séries finitas.” (NEUSER: 1995, p.15-16)

Seja qual for o apoio interpretativo, sendo fundamentado na Fé, na Ciência ou outros pressupostos, existe a curiosidade e a necessidade de busca da mente humana a respostas, ou quem nos apresente esse caminho, a tal maneira que uma questão tão abstrata como conceitos do universo, naturalmente passou a fazer parte da preocupação do Homem com o Meio.

De forma geral discursos evoluem junto com o pensamento da sociedade, da mesma forma outros discursos não, e, pelo contrário, pede permanência, manutenção do que, antes de ser posto em cheque, é tido como “verdade”, mas ambos são opostamente complementares,⁵ pois tanto os discursos de permanência quanto os de mudança, seja lá qual for escolhido, fazem parte da necessidade dos homens de se localizarem em seu tempo, e discursos contrários podem tornar-se conflitantes por esses indivíduos dividirem o mesmo tempo. Pode nascer assim um novo paradigma, cuja atribuição de valor, é diretamente proporcional à estimativa da violação do anterior.

⁵ KUHN argumenta em sua obra o que ele nomina de "a tensão essencial", no sentido de aperfeiçoamento; sobre acumulação de conhecimento, e também, dentre vários, da emergência do novo paradigma a ser apontado como contra-exemplo do anterior; e para a História, segundo o Autor, cabe um papel de registro de tais fenômenos: “*Se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenham-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo através do qual esses itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constitui o conhecimento e a técnica científicos. E a história da ciência torna-se a disciplina que registra tanto esses aumentos sucessivos como os obstáculos que inibiram sua acumulação.*” KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas** Tradução: Beatriz Vianna Doeira e Nelson. Boeira. - 9 ed. - São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 20.

“Filho de seu tempo” Giordano Bruno, é uma personalidade que atualmente pode até gerar estranheza, mas ao saber que alguém no século XVI por defender seus ideais, diferente de outro ponto de vista do período, pagou com a vida, ao ver os questionamentos tratados neste trabalho, fará certo sentido, pois ao estudar a história do pensamento do homem renascentista, este que tem em sua origem cultural e intelectual herdada em parte da antiguidade, contribui para o entendimento de várias questões presentes atualmente.

Colabora na busca a entender o motivo ou parte das motivações que levaram a Igreja Católica a relacionar Giordano Bruno como um herege, aprisionando-o e o matando.

Este trabalho expõe parte da trajetória de Giordano Bruno, que apresenta um rico e polêmico percurso vivido pelo padre filósofo, e é um convite a quem tem interesse no estudo da História de maneira relativamente abrangente, não exclusivo aos que tem diretamente interesse em Giordano Bruno, como também, por exemplo, e em caráter brevemente complementar, a História política medieval, Inquisição, Renascimento. E é mais marcante a quem busca a História do pensamento. Afinal para a História, que tem como importante pressuposto o estudo do desenvolvimento do pensamento do homem, os períodos de transição⁶ representam uma significativa fonte de pesquisa. Aos interessados neste último assunto, a História, que se constitui nos períodos de mudança de pensamento, e houve muitos, poucos personagens foram tão marcados por essa mudança como Bruno.

Ele viveu em um período de transição; de mudança de paradigma, pois foi na Renascença, entre/durante o pensamento Medieval e o Moderno, que se iniciou um novo e marcante período de investigação, e Bruno, com seu discurso marcado por essa época, contribuiu para o pensamento moderno, não ao acaso é considerado aos filósofos como Pai do pensamento moderno.

⁶ “Em 1850, o historiador francês Jules Michelet, já compreendia essa transição do medieval, período que, como seu colega suíço, menosprezava, para a época moderna, como uma fase histórica, como uma especificidade própria, a qual denominou de “Renascença”: (...).” LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini**: *O Renascimento da História*. Londrina: Eduel, 2004, p. 11. O colega suíço de Jules Michelet é Burkhardt: “(...) se destacou pela sua abordagem cultural da história; uma postura contrária à historiografia dominante, então voltada para as narrativas políticas e para exaltação nacional de seus Estados, formentado pelas instituições acadêmicas.” LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini**: *O Renascimento da História*. Londrina: Eduel, 2004, p. 10.

A História é a ciência humana responsável pelo estudo do desenvolvimento do sujeito, homem, com o meio, tempo. Para analisar os processos históricos, fatos e personagens, buscando o aprendizado de um determinado período, civilização ou cultura, e saber as motivações de problemas da atualidade, o historiador que necessariamente é um pesquisador, usa ferramentas que visam a sua investigação. Esse trabalho é contido na disciplina de História, pois preenche esses requisitos.

Ainda referente à questão “O que é História” é possível observar o diálogo do historiador com disciplinas a princípio “distantes” como Filosofia, Geografia, Matemática; como, por exemplo, o geógrafo verifica o tipo e qualidade do solo, clima. O matemático contribui com a análise financeira, aspectos econômicos, o filósofo lança mão de seus métodos para um melhor êxito, e claro, o historiador que executa seu trabalho lançando mão dos recursos oferecidos.

Em História parte destes recursos se dão em fronteiras, e trás o privilégio, e possibilidade, de dialogar com outros discursos tornando o seu trabalho mais interdisciplinar, como Paleontologia, que estuda os fósseis, a Numismática que, por sua vez, estuda medalhas e moedas, e a Antropologia que estuda o homem e suas relações, dentre outras ciências “autônomas” em carácter auxiliar.

Este trabalho faz parte “História das mentalidades” respeita e é uma derivação da corrente metodológica: Territórios do Político. Esse projeto de pesquisa nasceu da curiosidade em saber o trato do homem com questões tão abstratas como as origens do universo. Ao aprofundar a questão é verificável que um homem nascido no Século XVI (padre por formação) contestou a forma totalitária de dominação cultural ao propagar uma nova tentativa de entender o universo pagando com a própria vida. Mas qual conhecimento ou influência este agente de mudança teve para questionar séculos de razão imbuídos na temática vigente neste período em que viveu?

Na busca por entender Giordano Bruno, essas e outras questões serão levantadas na tentativa de aproximação da verdade. Todavia não é difícil imaginar que as fontes intelectuais de Bruno, provavelmente contribuíram para o seu afastamento do caminho previsto de sua carreira de padre.

Durante a pesquisa é interessante à quantidade de interpretações da biografia e obra de Bruno, denunciando conhecimento ou desconhecimento com o mesmo?

A historiadora inglesa Francis Yates, por exemplo, em seu livro, Giordano Bruno e a Tradição Hermética Tradução: Tradução: Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1987, trabalha com a hipótese de que Bruno foi morto pela inquisição não apenas por defender as ideias de Copérnico, e sim por acreditar no Hermetismo, doutrina que até então estava proibida pela Igreja Católica. Giordano Bruno também é reconhecido nos domínios filosóficos como Pai da filosofia moderna, não estranho também o fato de poder ser encontrado com nomeação de padre-filósofo, ou filósofo-cientista, porém por passar parte da vida viajando, ou fugindo da inquisição é verificável a nomeação de padre-itinerante.

Partindo da razão de que Giordano Bruno é “patrimônio” comum a princípio da História e da Filosofia, no caso em questão deste trabalho será em História, mesmo que se concorde com uma ou outra interpretação referente a Bruno, o trabalho sempre busca uma boa fundamentação, e um bom embasamento. Assim, cientificamente pode ajudar; contribuir, como por exemplo, o que diz François Bédarida a referencia a Marc Bloch em *Apologie pour l'histoire ou Le métier d'historien*. Paris, A Colin, 1949 (segundo citação de obra: Passados recompostos, campos e canteiros da História, introdução, trecho de p. 33):

Numerosos textos recentes, que remetem à “profissão de historiador” – às suas “regras”, como lembra aqui mesmo François Bédarida - testemunham a atualidade da questão. Se a paternidade da expressão pertence a Marc Bloch, numa obra importante, ainda que inacabada *42, ela pertence daí em diante ao domínio público, para englobar a um tempo um método – um conjunto de operações técnicas, com seus instrumentos, seus procedimentos e sua necessária aprendizagem, e critérios de cientificidade- e uma deontologia, não se deve esquecer a dimensão ética do trabalho histórico, como de todo trabalho científico.⁷

Aqui a preocupação de François Bédarida é de empregar dimensão ética do trabalho histórico como um método, ou seguir uma metodologia, porém, como ele mesmo aconselha, como em todo trabalho científico, este poderá se tornar de domínio público, assim como a referida e importante, mesmo que inacabada obra de Marc Bloch.

Este trabalho reapresenta Giordano Bruno em um recorte que reconhece a complexidade do personagem, e o grande objetivo não é responder todas as

⁷ Organizado por: BOUTIER. Jean e DOMINIQUE. Julia. Passados recompostos, **Campos e Canteiros da História**, Editora UFRJ; Editora FGV, 1998, p. 33.

questões e sim por intermédio delas aprender mais do período em questão e do nosso próprio tempo.

1. GIORDANO BRUNO: UM HOMEM DE IDÉIAS PERIGOSAS?

Campo Dei Fiori, Campo das Flores, que fica no coração de Roma, na Itália, é um local movimentado, que pela manhã abriga um colorido e popular mercado cujo destaque se dá pela vasta gama de oferta de frutas e flores. No período vespertino, o cenário fica por conta das mesas ao ar livre onde são servidos cafés. Pode parecer despercebida ao olhar dos moradores locais, dia após dia, devido ao fato comum de ela se misturar com a paisagem diária local. Entretanto, para um visitante, a estátua de metal de um homem encapuzado, misterioso, e localizado na área central da bucólica praça, se destaca à primeira vista.

Finalizada em 1880, a estátua de metal é uma homenagem a Giordano Bruno, acusado de heresia e queimado vivo por ordem da Inquisição no mesmo lugar, em 17 de fevereiro de 1600. Dificilmente, em dias atuais, é falado algo referente a Giordano Bruno, e, segundo informações da revista: BBC História, edição número 5, (ver Nota Nr. 8 p. 17) o aniversário de 400 anos de sua execução, ano 2000, passou em branco.

Diferente de outros mártires católicos como Joana D'arc, que teve seu julgamento revisto e foi canonizada, ainda hoje, 2012, nada é dito a respeito de uma revisão do julgamento de Bruno.

Caso fosse apresentada às pessoas da comunidade acadêmica nacional e laica, a imagem de Sócrates, com o seu nome identificado, e outra de Giordano Bruno, com seu nome também identificado, não é difícil prever que facilmente, as pessoas conheceriam, ainda em caráter breve que uma suposta enquete possa sugerir: Sócrates; Pai da Filosofia, e conhecido filósofo ateniense, morto a mais de dois mil anos, e em resposta aos Sofistas foi o criador da célebre frase, "Só sei que nada sei", dentre outras, e com devidos aprofundamentos, ou não; do que a imagem

de Giordano Bruno, que também é tido como divisor de pensamentos, Pai da Filosofia moderna.

Ainda em hipótese, a respeito de Bruno muitos não saberiam dizer, talvez o mais acertado fosse de que a imagem apresentada é de um mártir que morreu na fogueira. Mas será que saberiam informar por que ele foi condenado e que ideais ele defendeu?

Infelizmente, os registros de seu processo, depois de terem sido levados à França por Napoleão, acabaram se perdendo. Assim, não é possível saber quais foram os termos precisos de sua condenação. Mas, analisando sua polêmica trajetória, não é difícil imaginar os motivos que levaram os tribunais da Inquisição a persegui-lo e executá-lo.⁸

Para entendimento de uma considerável parte dos motivos que fizeram deste padre itinerante, “um homem perigoso” a ponto de ser condenado e assassinado pela Santa Inquisição, inevitavelmente entraremos nesta História da Igreja Católica, e que certamente é sua face mais polêmica. Entretanto tal história polemicada é tratada assim se levar em conta os padrões atuais regidos por consensos e leis em sua boa parte conhecida e aceita pela atual sociedade, e assim outros relatos de outra época que tem como registro onde muitas pessoas inocentes foram mortas em nome da Fé e da Ordem pode gerar estranheza, mas o período em si a justifica. “A inquisição, enquanto instituição humana, nasceu e permaneceu imersa no mundo que a envolvia, que a explica e que a modelou.” (GONZAGA: 1993, p. 20.)

Logo, devido à amplitude do tema, existem muitos estudos específicos e detalhados a respeito da História das Inquisições que visam apresentar a complexidade deste contexto:

As Inquisições são estudadas, geralmente, não como um problema, mas como um tema consagrado de pesquisa, que se justifica por si próprio, permitindo todos os cortes espaço-temporais e todas as apropriações discursivas. (...) As Inquisições são referidas, geralmente, no singular. Essa tradição exprime uma realidade: os diferentes tribunais da fé têm como fonte comum de legitimidade a delegação de poderes, feita pelo papa, em matéria de perseguição das heresias. A designação única pode ser cômoda, mas esconde realidades muito diversas: a Inquisição pontifícia estabelecida no

⁸ Trecho do artigo publicado pela versão brasileira da revista (BBC History) BBC História, Ano 1.(um) Edição 5 (cinco) de um total de 12 (doze) edições, e início da publicação em território nacional em 2011 pela editora Tríada e impresso pela IBEP Gráfica, p. 49.

século XIII desenvolve um modelo de ação estranho aos modelos (no plural) seguidos, por exemplo, pelos tribunais de Veneza, Modena ou Nápoles do século XVI ao século XVIII; a Inquisição espanhola (criada em 1478), tal como a Inquisição portuguesa (estabelecida em 1536), tem um estatuto particular que se traduz por uma quase completa independência de ação em relação à cúria romana; os tribunais hispânicos que operam na América ou na Ásia transportam com eles estruturas, maneiras de fazer e representações comuns, mas adaptam-se a diferentes contextos.

BETHENCOURT. Francisco, *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV-XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.9-10.

Bethencourt ressalta a importância do estudo da pluralidade inquisitorial contra a forma tradicional que singulariza e tematiza a questão, o que para o Autor deve ser tratado como um problema e não como tema consagrado de pesquisa. Gonzaga, assim como Bethencourt, critica a forma como é tratada a questão na contemporaneidade, porém GONZAGA dedica seu foco com maior ênfase na naturalização, na cultura do período inquisidor:

“Tantos aparentes paradoxos”, concluímos, têm como causa inicial de incompreensão este grave erro: transporta-se em bloco a inquisição para a atualidade, a fim de julgá-la dentro da atmosfera, das necessidades e das categorias mentais modernas, radicalmente diferentes do universo em que ela viveu. Desse modo, torna-se impossível aceitá-la e forçosamente ela horroriza. (...) Sucede porém que esse fenômeno foi produto da sua época, inserido num clima religioso e em certas condições de vida, submetido a força dos costumes e de toda uma formação cultural e mental, fatores que forçosamente tiveram de moldar o seu comportamento.(...) antes de examinar a inquisição é preciso conhecer de perto o mundo que a envolveu, tão diferente do nosso. Sobretudo, não nos olvidemos de que o Santo Ofício equivaleu a uma Justiça Criminal, de sorte que não é possível entendermos o seu procedimento sem preliminarmente saber como atuava a justiça Criminal comum, ou laica, que lhe foi contemporânea e que lhe serviu de modelo. Esta era uma Justiça assinalada por profundo atraso, com métodos toscos e violentos, mas por todos encarada com naturalidade, aprovada e defendida pelos mais sábios juristas de então.

GONZAGA. João Bernardino Garcia, *A Inquisição em seu mundo*. São Paulo: Saraiva, 1993, p. 19 e 21.

Neste trabalho, com a sua dinâmica proposta, tal aprofundamento seria válido para estudos futuros, entretanto, neste contexto, há uma questão onde sua resposta pode despontar ao maior interesse deste capítulo; que é o entendimento da razão de Bruno ser perigoso ao Clero.

Assim existem respostas à discussão pertinente a um questionamento extremamente específico e oportuno que assim foi originalmente levantada: “(...)

como é possível que uma instituição, criada ao longo do século XIII, tenha podido manter-se em funcionamento – naturalmente sob diversas configurações – até os séculos XVIII e XIX?”. (BETHENCOURT: 2000, p. 10)

João Berardino Gonzaga Garcia em sua obra: A Inquisição e Seu Mundo; São Paulo: Saraiva 1993, ao aderir citação de obra de: (Lewis Mumford, op., cit. págs.290-1) nos apresenta a seguinte resposta cabível a essa questão levantada por Bethencourt:

Numa cultura assinalada por espantosas diversidades de dialeto, direito, culinária, pesos e medidas, cunhagem, a Igreja oferecia uma morada comum, na verdade um abrigo universal: o mesmo credo, os mesmos ofícios, as mesmas missas, realizadas com os mesmos gestos, na mesma ordem, para o mesmo fim, de um a outro extremo da Europa. Nunca a rigorosa uniformidade romana serviu melhor à humanidade que durante esse período. Nos ofícios mais importantes da vida, até a menor das aldeias achava-se no plano de uma metrópole. A Igreja Universal dava a todas as comunidades, pequenas e grandes, um propósito comum.⁹

Essa característica universal regia as práticas da Instituição Eclesiástica dominante; e, por conseguinte, a Santa Inquisição também era dotada de ações e simbologias que as tornaram reconhecíveis uma da outra.

O próprio Autor Bethencourt apresenta uma resposta para seu questionamento acima, que é situada, dentre outros, no contexto político organizacional e de comunicação dos Tribunais (Espanha, Portugal e Itália) da Igreja Católica e sua evolução durante o Antigo Regime, como se pode observar em síntese: “O tribunal da fé era então um importante instrumento nas mãos papais para conservar o poder da Igreja, mas também para reforçar o seu próprio poder perante os bispos e as autoridades civis.” (BETHENCOURT: 2000, p. 35)

Há algumas formas de utilização deste instrumento utilizado pelos papas para manter a ordem e assim conservar o poder da Igreja. Giordano Bruno não sobreviveria a esse “filtro”.

Punir hereges; esse **é um dos lemas** da Santa Inquisição, não que tivesse algum lema, contudo é justificável pelo grande número de acusações prisões torturas e assassinatos aplicados em maior ou menor grau nas três fases históricas conhecidas deste longo período, que perdurou da idade média até o período

⁹ GONZAGA. João Bernardino Garcia, **A Inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 1993, p. 59.

moderno. “Durante o primeiro milênio da Igreja, era raro haver execuções por desvio doutrinal.”¹⁰ Todavia foi aplicado também aos companheiros cristãos mais diretamente relacionados com a doutrina.

Embora historicamente esse fenômeno fosse dividido em três períodos (extermínio de hereges na idade média, a inquisição espanhola no século XV e a inquisição romana iniciada pelo papa Paulo III em 1542, contra as influências dos protestantes na Itália), o último período da inquisição é o mesmo que o pensador Giordano Bruno foi julgado e assassinado sob a tutela do então papa Paulo IV. Em todos os referidos períodos há exemplos verificáveis de intolerância aplicadas aos “hereges” que ameaçavam os interesses da Igreja, mesmo de início, raros, ou Autor: (HAUGHT: 2003) aponta que o evento não restringia basicamente ao primeiro período de inquisição ou algum período em especial e para isto cita exemplos:

Em Alexandria, em 415, a grande cientista Hypatia, chefe da Biblioteca de Alexandria, foi espancada até a morte pelos monges e outros seguidores de São Cirilo, que viam a ciência dela muito como a Igreja, mais tarde, veria a de Galileu.¹¹

Portanto é fato que junto de vários outros “hereges”, Giordano Bruno foi assassinado no auge da perseguição, promovida pelo papa Paulo IV.

Essa inquisição foi um reinado de terror que matou muitos “hereges” por qualquer mera suspeita. Suas vítimas incluíram o filósofo-cientista Giordano Bruno, que desposava a teoria de Copérnico e que os planetas orbitavam em torno do Sol. Ele foi condenado á fogueira em 1600, em Roma.¹²

Com isso, com tal interpretação, pode parecer justificado a punição com a morte de Giordano Bruno embasada em uma irregular temática de que na época do papa Paulo IV várias outras vidas foram submetidas ao “filtro”, muitas vezes grosseiro, da inquisição, e exemplos não faltariam para enfim ser finalizada a questão:

Lord Acton, que era católico, escreveu no fim do século XIX: “O princípio da Inquisição era assim mesmo... Os papas não somente eram assassinos em grande estilo, como também fizeram do

¹⁰ HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 53.

¹¹ HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 53.

¹² HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 68.

assassinato uma base legal da Igreja Cristã e uma condição para a salvação”.¹³

Assim como Giordano Bruno não era o único padre a ser punido pela Santa Inquisição: “Em 1141, o padre Pedro Abelardo foi condenado à prisão perpétua porque listou as contradições da Igreja em um livro intitulado Sim e Não.”¹⁴

Entretanto podem-se observar os motivos pelo qual é deveras injusto com a história do padre Giordano Bruno, talvez o mesmo se dê com o padre Pedro Abelardo, apontar apenas uma **explicação rápida** que motivou sua punição. Mesmo que existisse algum documento oficial, o que curiosamente não é o caso na história do polemico sujeito deste trabalho; o caráter “oficial” remete ao que era oficial no período, que era a versão teocrática, clerical; o problema não estaria totalmente resolvido, pois provavelmente seria uma versão do ponto de vista Católico-inquisitório que privilegiaria um ponto de vista, não privilegiando outros motivos pelos quais ele foi punido com a morte, pela Inquisição.

Analisando a possibilidade de algumas respostas, talvez a mais próxima da “verdade”, mesmo que hipoteticamente, para a Instituição Cristã ter preferido Giordano Bruno morto, está motivada para a sua própria manutenção de imagem, que não poderia ser associada à vida e obra do agora herege Bruno, este que representa um discurso em transição para o moderno, é que se chega à questão, que pode ser ramificada em pelo menos três ou mais possibilidades complementares que motivaram a morte do pensador.

A começar pela liberdade de sua expressão, ou a falta da mesma, representando grande perigo de vida e perseguição que sofreu até sua morte,

¹³ HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 68.

¹⁴ HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003, p. 53-54.

Sobre HAUGHT, James A, em sua obra: **Perseguições religiosas**, Este Autor leva em consideração apenas no que tange as perseguições religiosas, mas existe uma vasta pluralidade de situações como nos aponta GONZAGA: “*Critica-se a Inquisição, mas, realmente, a História apresenta triste rosário de intolerâncias, de lutas, morticínios e perseguições religiosas. É certo que, quase invariavelmente, outros fatores concorreram para isso, tais como interesses econômicos, políticos, raciais, etc., mas nesses movimentos encontramos também, em maior ou menor medida, o componente religioso.*” GONZAGA. João Bernardino Garcia, **A Inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 1993, p.61. Outra variável a ser considerada na obra de HAUGHT; é a de que devido à ausência de outros elementos no complexo e peculiar universo inquisidor por conta de HAUGHT priorizar a demonstração do que aponta GONZAGA: “triste rosário de intolerâncias” pode demonstrar que a população do período era extremamente infeliz. Contra essa imagem de “Idade das Trevas” GONZAGA argumenta: “*A despeito de tantos infortúnios, vivendo de modo tão áspero, as pessoas não seriam entretanto necessariamente infelizes. O espírito humano, com a sua plasticidade, se adapta às condições de vida, ainda que árduas, e a tudo se habitua. Havia distrações, havia alegria, cantos, danças, feiras com espetáculos, fé religiosa, havia poesia. As expectativas do homem do povo eram modestas.*” E completa: “*Ao lado da justiça que cometia suas violências, brotou, com ela convivendo, a encantadora leveza da pintura e da escultura pré-renascentistas. Surgiu o movimento da Renascença, na Itália, e se espalhou pelo continente. Por toda parte floresceram as artes, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, a literatura, o teatro.*” GONZAGA. João Bernardino Garcia, **A Inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 1993, p.56.

verificável pelo contexto em que viveu, ou, somado a isso, Giordano Bruno, diferentemente de outros pensadores do período que também foram perseguidos por irem opostamente à versão aristotélico-ptolomaico de geocentrismo defendido pela Igreja, estava diretamente relacionado ao Clero. Vale lembrar que é o caso também de Nicoláu Copérnico (1473-1543) que assim como Bruno foi clérigo, porém temendo sua punição, e, diferentemente de Bruno, rebelou-se, divulgando suas obras, no último momento de sua vida, e, mesmo assim, dedicou sua obra ao Papa. Algo que também demonstra que a mudança vinha “de todos os lados” inclusive de letrados da Igreja.

Bruno (1548-1600), por ser padre por formação, conhecer “por dentro” a instituição Católica, e, logo, poderia representar, e de fato representou, uma ameaça maior aos interesses da mesma ao expor seus ideais. De qualquer forma tais possibilidades serão retomadas a posterior ainda neste capítulo, no tópico: 1.1 Possibilidades complementares, p. 25.

Ainda a respeito da “explicação rápida”, por se tratar de um personagem “misterioso atualmente”¹⁵ a ambiguidade vivida por ele, fez deste pensador itinerante, admirado e odiado frente a seus contemporâneos e provavelmente contribuiu a este ex-dominicano¹⁶ vir a se tornar alvo para várias interpretações até a contemporaneidade.

Sobre este ponto é observado algumas razões que podem ser contribuintes a forma plural com que Bruno é estudado já apresentado até aqui, como, por exemplo, o contexto em que viveu e a falta de documentação oficial a respeito de seu julgamento, além de suas obras, não comprovado que todas são de domínio público, pois em caráter recente, a partir da década de 60, (1963) a Igreja liberou o acesso. Contudo o, relativo, mistério de fontes, e como elas são trabalhadas, não justificam todas as interpretações.

Isso porque, da mesma maneira que ficaria incompleto ao dizer, puro e simplesmente, que Giordano Bruno foi punido por desposar as ideias de Copérnico (1473-1543), devido à sua complexidade, e não ao acaso, por outros pensadores,

¹⁵ “Até 1963, os livros de Bruno permaneceram no index da Igreja Católica. Todavia, nos tempos passados, muitos filósofos e cientistas, como Gassendi, Huygens, Junguius, Leibniz e outros, foram influenciados pela filosofia de Bruno. O surgimento das teorias atomistas modernas e das teorias do cálculo infinitesimal não pode ser demonstrado sem a preliminar demonstração ou releitura da filosofia de Bruno.” NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 7.

¹⁶ Ex-dominicano. Expressão usada por Francis Yates, final do primeiro parágrafo, p. 304. Nome dado a quem já fez parte do Convento Naponitano de São Domingos.

ele foi associado ao hermetismo¹⁷, gnosticismo¹⁸, como nos exemplifica Christopher Hill citando a crença na eficácia simpática da magia¹⁹ da qual, segundo o autor, argumenta que John Locke também teve crença, para isso Hill cita John Aubrey:

Não podemos separar a história dos primórdios da ciência e a da magia, nem tem cabimento exaltar bons racionalistas contra maus mágicos, astrólogos ou alquimistas. "Naqueles dias obscuros", comentou John Aubrey referindo-se aos tempos que precederam a guerra civil, "não se via que diferença poderia haver entre astrólogo, matemático e mago". Giordano Bruno, John Dee, Johannes Kepler e Tycho Brahe eram, todos eles, mágicos.²⁰

Logo fica registrado a dificuldade da análise de Bruno e o sentido de concordância com a seguinte argumentação: "Ainda assim, não se resolve o problema de Bruno fazendo dele um neoplatônico antigo, seguidor de um culto egípcio de mistério (...)." (YATES: 1987, p. 303-304)²¹ Pela razão de que enquanto tem um ar de mistério pressupõe certamente muito a se pesquisar, lembrando que YATES, dentre outros na sua obra, assim aproxima Bruno ao hermetismo. Outra argumentação no sentido de concordância, em tese, a melhor forma para "resolver" Bruno é o caminho guicciardiniano²² de pensar, que sugere o zelo e o caráter interpretativo das fontes, apontado por (LENS: 2004, p. 24) que em muito difere "explicações rápidas", e que demonstra um método a ser considerado para estudar Bruno, método evidenciado pela Autora ao citar o influenciado por Guicciardine: (*Ricordi*, VI):

É um grande erro falar das coisas indiferente e absolutamente, e digamos assim, por regra; pois em quase tudo há diferenças e

¹⁷ Hermético: Doutrina que aconselha a indiferença e o desprezo pelos males físicos e morais e a insensibilidade perante as paixões. Resignação na dor e na adversidade, austeridade, rigidez de princípios.

¹⁸ Gnose: Ciência superior às crenças vulgares; saber por excelência: gnosticismo.

¹⁹ HILL. Christopher, **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. Tradução, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.101.

²⁰ HILL. Christopher, **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. Tradução, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.101.

²¹ "Ademais – e isso, no meu entender, é um dos aspectos mais significativos de Giordano Bruno -, ele surgiu no final do século XVI, época de terríveis demonstrações de intolerância religiosa, quando as pessoas procuravam no hermetismo religioso uma solução pacificadora, ou a união das seitas em luta." YATES, Francis. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução: Yolanda Steidel. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 303-304.

²² Francesco Guicciardini (1483-1540) que, dentre outros destacados pela Autora, é apresentado: "(...) embora seguisse a forma de narrativa humanista, tinha visão dos fatos coevos e das repercussões das políticas externas sobre seu país. Caracteriza-se como historiador político que também esteve voltado para as questões da natureza humana. Abordou temas inovadores tais como as categorias históricas, as relações de poder, as formas de governo, a arte da diplomacia e assuntos coevos relacionados ao indivíduo, às ambições, às fraquezas, aos vícios e às virtudes humanas. (...) Nesse sentido, é moderno, aberto ao vir a ser, portanto, à complexidade da natureza humana e á mutabilidade do seu comportamento." LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini: O Renascimento da História**. Londrina: Eduel, 2004, p. 02.

exceções, devido á variedade das circunstâncias, sem poder se chegar a um acordo comum: não se encontram estas divergências nos livros – a necessidade ensina ser discreto.²³

Agora, o que não parece o caso de LENS, YATES e HILL, a falta da versão oficial não justifica e, pelo contrário, pede cuidado com simplificações ou resumo que, embora muitas vezes factual, possam levar a ideias equivocadas, ou incompletas. Então onde é possível interpretação, por exemplo, de que várias vidas se foram no auge da perseguição, juntamente com a do padre itinerante, não que de fato não ocorrera muitas mortes, e sim com a banalização, ou associado à má sorte de destino a morte de personalidades junto a outras vidas inocentes.

Essa inquisição foi um reinado de terror que matou muitos “hereges” por qualquer mera suspeita. Suas vítimas incluíram o filósofo-cientista Giordano Bruno, que desposava a teoria de Copérnico e que os planetas orbitavam em torno do Sol. Ele foi condenado á fogueira em 1600, em Roma. (NOTA, cit. Nr. 12 p. 20) b

Podendo ainda dar ao anonimato, ou ao acaso, atribuição à morte de Giordano Bruno, e, pelo contrário, o Clero, em suas variadas estâncias, sabia muito do seu ex-dominicano, ele ficou oito anos preso aguardando a resolução do processo que terminou com a condenação. O trecho citado embora reconhecendo em síntese um dos principais motivos de sua severa punição, é uma questão longe de ser tratada como mera suspeita, afinal a estrutura²⁴ aristotélico-ptolomaico de geocentrismo era uma das bases ideológica defendida por uma instituição em crise, disposta a manter seus discursos e poder.

Contradizer a “ordem natural do universo” era ir contra os dogmas propostos pela Igreja, e também, fora desta perspectiva, outra teoria seria como mudar a relação da Instituição Católica com o homem, ou melhor, do homem para com Ela; algo que inevitavelmente ocorreria.

²³ LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini**: *O Renascimento da História*. Londrina: Eduel, 2004, p. 24.

²⁴ “A visão do mundo contra a qual Bruno se insurgiu foi a de um universo de coisas fixas criadas por um Deus transcendente. A tal concepção ele contrapôs as descobertas astronômicas de Copérnico, que contrariavam o próprio núcleo da concepção medieval. Ao formular o sistema heliocêntrico, Copérnico pôs por terra a ideia básica da astronomia de Ptolomeu, atribuindo à Terra uma situação secundária. Bruno viu as implicações da teoria copernicana e defendeu o astrônomo polonês dos ataques dos doutores da Universidade de Oxford, no livro *Ceia das Cinzas*. Contudo, ao mesmo tempo critica-o por ser “apenas um matemático”, que não foi capa de ver o verdadeiro significado de suas descobertas. Esse significado Bruno foi buscar em outras fontes bem diferentes, construindo uma cosmologia cujos traços principais são o panteísmo e o animismo.” Coleção: (Os Pensadores) Inclui vida e obra de Bruno, Galileu e Campanella. BRUNO, Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. X.

Ainda que seja reconhecível que a História não cobre todas as lacunas, isso por si só deveria justificar que definitivamente o resumo é uma versão de interpretação que se exige cuidado. François Bédarida²⁵ nos pede cuidado e ética. Isso, sobretudo, com alguém com uma trajetória densa como a do Padre - filósofo, e que, neste caso, tal modo resumido de interpretar não é o mais interessante. Desse modo, fica a resposta a se pensar: A morte de Bruno não se deu ao acaso, como isto pode ser interpretado a quem defenda a ideia de que o ex-padre, foi apenas mais uma vítima junto de tantas outras vidas perdidas no período inquisidor.

Mesmo que na ausência de uma versão oficial, é fatídico que houve uma acusação, julgamento e morte, e ela, a morte na fogueira²⁶, foi premeditada. Como já dito anteriormente, “Punir hereges”, **é um dos lemas** da Santa Inquisição, não é difícil de entender o motivo, pois o contexto da inquisição é bem conhecido pela História, em um universo onde aparentemente não se separava um “herege” de um “mal feitor” Ainda assim a heresia era fielmente combatida e é razão de temática aplicável ao possível lema: “Matar hereges” que também pode ser aplicado como “lema”. Até porque, foi repetidamente aplicado, e mesmo que os referidos hereges tivessem como pena a prisão perpétua, é uma forma “talvez menos dolorosa”, pois essa geralmente era seguida de torturas, de eliminar da vida pública alguém.

1.1 POSSIBILIDADES COMPLEMENTARES.

“Quem quiser julgar corretamente, como já falei, deve saber despojar-se do costume de acreditar; deve considerar igualmente possível tanto uma como a outra contraditória (...)”. (BRUNO: 1584 ed. 1978 p. 74)

Neste trabalho, como consta em sua justificativa, está contido parte da história de Bruno, com uma rica e polêmica trajetória vivida pelo padre filósofo; com a percepção de uma série de fatores complementares que fizeram do mesmo contemplado com a morte pelo tribunal da Santa Inquisição.

²⁵Ver cit. Nr. 7 p. 15.

²⁶Ver nota Nr. 35 p. 28.

A Igreja Católica, que, neste caso, tinha conhecimento da dimensão do perigo das ideias de Giordano Bruno, com o agravante de ele ter sido sacerdote,²⁷. O sacerdócio por si mesmo implica como pressuposto o enquadramento de Bruno em, pelo menos, duas possibilidades não tão contraditórias: Um padre ou um membro, mesmo que Bruno não fizesse mais parte do Clero, não poderia dar mal exemplo as pessoas; e que isto, a sua educação eclesiástica, promotora do domínio da língua falada e escrita, contribuiria ainda mais para ele ter um discurso convincente.

Somado a sua curiosidade por uma leitura alternativa; livros não autorizados pela Igreja Católica; sua predileção por Filosofia Grega, e ciências ocultas supostamente oriundas do antigo Egito, Bruno optou por uma vida dedicada ao conhecimento, independente da origem. Tornou-se uma arma poderosa, um problema a ser superado pelo próprio Clero; e, nesse mesmo caminho, que certamente de forma inversa ao possível esperado originalmente por seus educadores teólogos, Bruno preferiu fugir, abandonando o sacerdócio em 1576 e ao invés de ser o que se esperava de um padre, escolheu um caminho diferente.

Giordano Bruno poderia ser persuasivo o bastante para gerar admiração de muitos, intelectuais ou não, talvez até fundar uma nova revolta, semelhante à revolta de Lutero (1483-1546) e de fato Bruno o fez no campo das ideias, divulgando e discutindo a revolucionária nova teoria de Copérnico; porém, com o poder de seu discurso, trazia somado e traduzia ao público uma iguaria de argumentos provenientes de livros proibidos pela instituição dominante. “A verdade é que, para Bruno, o diagrama copernicano é um hieróglifo, um selo hermético que ocultava potentes mistérios divinos, cujo segredo ele capturava.”²⁸

Giordano Bruno é apontado por Yates como propagador dos ideais e argumentos dos livros proibidos, e, segundo a Autora, o fez com sagaz eficiência:

²⁷ “Aos 15 anos, ele ingressou no monastério, tornando-se, mais tarde, sacerdote. Seu comportamento pouco ortodoxo (em especial, seu interesse por livros proibidos) causou-lhe problemas. Em 1576, foi aberta uma investigação para avaliar sua conduta, mas Bruno fugiu antes do julgamento, dando início a um período durante o qual vagou pela Europa e que só terminou 16 anos mais tarde, nas celas da Inquisição. Ele foi visto em Veneza, Pádua e Genebra, vestindo um roupão “de pano barato branco” e um manto de monge. Deu conferências, realizou curas e publicou seus primeiros livros, agora perdidos.” Trecho do artigo publicado pela versão brasileira da revista (BBC History) **BBC História**, Ano 1, edição 2011. Tríada e impresso pela IBEP Gráfica, p. 50.

²⁸ Aqui é argumentado sobre o poder de interpretação que Giordano Bruno conseguia ter a respeito dos textos codificados de Copérnico. YATES, Francis. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução: Yolanda Steidel. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 269.

Ultrapassando em muito os argumentos “meramente matemáticos” com que Copérnico apresentou a hipótese do movimento da Terra, Bruno percebeu que ele confirmava Hermes Trismegisto e Cornélio Agripa, ou, em outras palavras, que confirmava a filosofia mágica da animação universal.²⁹

Bruno foi além de desposar a teoria de Copérnico, acrescentou conteúdo ao novo paradigma³⁰, ao traduzi-la, aproximando-a ainda mais dos seus livros de referencia de origem grega e outros, e divulgando os resultados de seu trabalho com os demais interessados.

A nova teoria de Nicolau Copérnico (1473-1543), que simplesmente tinha como objetivo mudar a ordem física natural do universo conhecido da época, provavelmente nada mais que isso, ao afirmar que a terra não era o centro do universo e sim o Sol, poderia mudar também a forma como as pessoas deste período se relacionavam.

Para a Igreja Católica, em especial neste ultimo ponto, não era apenas uma mudança de posicionamento dos astros, e sim a mudança que poderia instigar as pessoas a rever, questionar o seu papel no mundo, e o da Igreja, pois, a nova visão, ia também de maneira inversa do que era sabido desde então, que o universo giraria em torno da terra, visão defendida pelo Clero e que, algo fora desse contexto, definitivamente geraria preocupação dos que prezavam pela manutenção das ideias como elas são concebidas, oriundas e monopolizadas,³¹ afinal todas as respostas a respeito da explicação da vida era a versão oficial do que diz o Clero.

Bruno ficou célebre nas histórias do pensamento e da ciência, não só por ter aceito a teoria copernicana, mas pelo maravilhoso salto da imaginação com que concatenou a idéia da infinitude do universo às teorias de Copérnico - uma extensão teórica que não foi ensinada pelo próprio Copérnico. Bruno povoou esse seu universo infinito com inúmeros mundos, que se moviam todos no espaço infinito -

²⁹YATES, Francis. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução: Yolanda Steidel. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 272.

³⁰“As equações de Maxwell, que afetaram um grupo profissional bem mais reduzido do que as de Einstein, foram consideradas tão revolucionárias como estas e como tal encontraram resistência. Regularmente e de maneira apropriada, a invenção de novas teorias evoca a mesma resposta por parte de alguns especialistas que vêem sua área de competência infringida por essas teorias. Para esses homens, a nova teoria implica uma mudança nas regras que governavam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso. É por isso que uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido.” KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas** Tradução: Beatriz Vianna Doeira e Nelson. Boeira. - 9 ed. - São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 25 e 26.

³¹“Uma coisa é a Bíblia em uma sociedade estável, onde existe um mecanismo aceito para o controle de sua interpretação. O controle jamais foi completo em nenhum período, e certamente menos ainda depois do transtorno da Reforma e da tradução das Escrituras a partir de uma língua que apenas alguns eruditos conseguiam ler e entender para outra que podia ser lida por qualquer alfabetizado, e compreendida por todos aqueles que ouvissem sua leitura em voz alta.” HILL. Christopher, **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 26.

rompendo, assim, o universo fechado de Ptolomeu, e dando início a concepções mais modernas.³²

Tudo isso fez com que, inegavelmente, sua condenação fosse premeditada. Bruno sabia de fato o perigo que corria, afinal conhecia o processo inquisidor, assim como a acusação de heresia o qual estava submetido, e o ponto de vista do Clero a exemplo de São Tomás de Aquino: “Se falsários e outros malfeitores são justamente condenados à morte, muito mais podem os hereges ser justamente mortos”.³³

Como homem, talvez e naturalmente, temendo as consequências que Giordano Bruno preveria³⁴ que incluem a morte na fogueira³⁵, Bruno optou em fugir do julgamento da inquisição.

Fato somado a isto que mesmo em seu julgamento, que aconteceu em Roma de 1600, o que as pessoas que normalmente acompanhavam esses eventos puderam observar no momento final de Bruno é que ele não pode dizer uma palavra que possa ser entendida, afinal antes de ser morto na fogueira ele estava com a língua amarrada³⁶ com pano, mas o padre-filósofo com suas palavras, respondendo aos inquisidores venezianos com inteligência pode se defender em outras ocasiões.

O que é impressionante nesse debate, em que a (re)construção da memória suscita centenas de pequenos e grandes estudos, é o papel desempenhado pelo auto da fé. Exigência de uma sociedade sequiosa de representações fortes nas quais a palavra não é suficiente, o auto da fé fornece hoje, paradoxalmente como no passado, o suporte visual da argumentação vitoriosa.³⁷

³² YATES, Francis. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução: Yolanda Steidel. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 272.

³³ Em sua obra: **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 56, HAUGHT explica a aprovação dada pela igreja para matar hereges.

³⁴ “Muito antes que isso acontecesse Bruno já sabia de seu destino. Nos proêmios do *Despacho da Besta Triunfante e Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos* declarou-se perfeitamente consciente de que seria “odiado e censurado, perseguido e assassinado”. Assim, apesar de não poder esperar êxito com seu estudo e trabalho, antes motivos de desgosto que o aconselhavam a “calar-se antes de falar”, Bruno, com os olhos fixos na eternidade, tanto mais se esforça “por fender a corrente adversa do rio impetuoso”, quanto mais vê “aumentada a veemência da mesma por seu trajeto agitado, profundo e precipitado”. Por isso, empenhou-se em luta encarniçada contra a ignorância, o preconceito, o dogma e a intolerância, achando ser “digno de mercenários ou escravos e contrário à dignidade humana sujeitar-se e submeter-se”. Coleção: (Os Pensadores) Inclui vida e obra de Bruno, Galileu e Campanella. BRUNO, Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. X.

³⁵ Segundo HAUGHT, um estudo papal de 1231 havia determinado a fogueira como punição padrão. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro 2003, p. 62.

³⁶ Trata-se de uma medita preventiva usada pela Igreja Católica representa neste ato. Tema abordado novamente em p.35-36.

³⁷ BETHENCOURT. Francisco, **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.220. Esta: “Exigência de uma sociedade sequiosa de representações fortes nas quais a palavra não é suficiente” apresentada por BETHENCOURT, assim é explicada por GONZAGA: “Um mundo tão hostil teria porém de acarretar consequências: temperava as pessoas; estas pouco contavam com a própria vida; os fortes se tornavam mais destemidos; e, acima de tudo o homem fechou seu coração, não se enternecendo com o sofrimento alheio. Por isso, o indivíduo da rua que assistia ao espetáculo de um criminoso supliciado na “roda” permanecia indiferente ou até mesmo se comprazia.” GONZAGA. João Bernardino Garcia, **A Inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 1993, p. 56.

Entretanto cabia a Instituição Católica, para fins de ideologia e manutenção, ser exemplar, e mesmo que os julgamentos não fossem um exemplo de justiça, a venda da imagem de julgamento justo tinha importância considerada.

A igreja católica determinada a manter o seu poder, sobretudo durante a inquisição, passou do campo ideológico, de acusações de heresia contra quem poderia ameaçar seus ideais, a ações como Cruzadas, com toda a barbárie registrada pela história, e a própria Inquisição e conseqüentemente prisões, torturas e assassinatos. No caso da inquisição, esse efetivo do movimento de Contra Reforma esta ligada, de forma contundente, ao destino de Giordano Bruno.

Em 1208, o papa Inocêncio III declarou uma grande cruzada para destruir os albigenses. Cerca de 20 mil cavaleiros e camponeses responderam ao chamado, formando um exército que flagelou o sul da França, esmagando cidades em que a crença era forte.³⁸

Ademais, com centenas de relatos e muitas vidas perdidas nesses eventos, havia a real preocupação de justificar as ações aplicadas, preocupação voltada principalmente para a manutenção da imagem da instituição.

Então, no período de inquisições, por exemplo, como punir, porém sem que a imagem da Igreja Católica fosse posta em cheque? A solução estava em justificar como trechos do Velho Testamento, então vários decretos com justificativas de trechos da Bíblia foram aprovados por Papas.

Além disso, o que temos hoje como diplomacia, se assemelha, salve as devidas proporções, a prática da Instituição Católica nos bastidores de situações onde envolvia punição de pessoas extremamente populares no período inquisidor.

A grande Instituição dominante e monopolizadora³⁹ também tinha razões “diplomáticas” que almejam manutenção de seu poder e seu discurso teocrático. Já fazia isso de forma notável para os acusados de heresia, denominados mais populares, influentes.

Nestes casos, demonstra a preocupação com a imagem da instituição de forma mais acentuada, ainda mais no caso do Pensador Italiano ex-dominicano por ter feito parte do Clero⁴⁰, porém isso não significa a absolvição do “herege”, entretanto as chances de “o herege abastado” ter um julgamento “melhor” ou não

³⁸ HAUGHT, James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro 2003, p. 55.

³⁹ Ver nota Nr. 31 p. 27.

⁴⁰ Ver nota Nr. 27 p. 26.

pagar mais facilmente com a vida poderia ser melhor proporcionalmente a seu poder repercussivo, em outras palavras, sua vida iria depender do grau de abrangência de poder do mesmo.

Giordano Bruno não era um anônimo camponês, porém foi condenado e assassinado, mesmo polêmico e igualmente persuasivo, influente⁴¹, mas não poderoso como um Rei; mesmo que este, por sua vez, fosse considerado herege, Giordano Bruno não tinha tão pouco e fundamentalmente, para fins de sobrevivência, o poder de segurança do mesmo. Aqui não se trata de comparar o discurso de Bruno à de um Rei, tão pouco trata do conceito de justiça, e sim uma maior preocupação com a punição-imagem, por parte do Clero, pois dificilmente um condenado ao julgamento inquisitório seria absolvido, como consta para São Tomás de Aquino: “Se falsários e outros malfeitores são justamente condenados à morte, muito mais podem os hereges ser justamente mortos”. (Cit. Nr. 33, p. 28 b)

Como é observado, nas palavras de São Tomás de Aquino, até os “falsários” e outros “malfeitores” são “justamente” condenados a morte, e ao compara-los aos hereges denuncia que, ao olhar do Clero, há diferença entre as pessoas que são punidas. Aqui São Tomás de Aquino justifica que os hereges precisavam de condenação impar, a punição precisava ser incontestável de modo que as pessoas acreditassem que se tratava de um herege, diferentemente dos menos afortunados que pagariam sem muito obstáculo com a vida, processo facilitado por menor número de interrogatórios e, conseqüentemente do julgamento à morte, o tramite seria mais rápido, e serviria de exemplo, como a todos os outros, reforçando o símbolo de demonstração de poder e manutenção da “ordem natural”.

A “diplomacia” atingira Giordano Bruno; considerado “perigoso”, e por isso, também, para a Igreja Católica, um caso especial a ser resolvido. Embora defender suas “ideias perigosas” pudesse ser arriscado, pressupõe-se que tenha conseguido viver em relativa segurança, “privilegiado” por não ter local fixo, por passar boa parte de sua vida viajando e, portanto, fugindo do julgamento.

Com seu discurso, Giordano Bruno, para uma época em que também se buscava o novo, deu provas de sua persuasão, em um momento da História que a heresia foi tratada com vigor pela Igreja Católica. O uso da força de seu conhecimento engajado em pressupostos não autorizados contribui para Bruno ser

⁴¹ Ver p. 26-28 e Cit. Nr. 29. p. 27. Ver Cit. Nr 32. p. 27-28.

conhecido, lembrado, admirado, porém não o isentando de muitas vezes ser mal visto.

Nesta última situação, antagonicamente as primeiras, ser impopular, mal visto, repudiado, sobretudo a olhares mais ortodoxos, isso não somente e perante aos Clérigos Católicos, como também para os Clérigos Reformados: Calvinistas, Luteranos e Anglicanos, e essa rejeição ao novo, as ideias de Bruno, é passível de ser compreendida, pois em períodos de mudança é plenamente verificável, mesmo em tempos atuais, os que são favoráveis a ela, os conservacionistas, e os que ponderam entre os dois pensamentos. Giordano Bruno ao transitar por esses pensamentos, parecia saber como seria a recepção de suas ideias neste período, mas será que realmente importava com a recepção as mesmas?

Isto é algo que ficará mais claro no Segundo Capítulo a ser apresentado neste trabalho, destinado a analisar o Dialogo Quinto da obra: Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos, do pensador. Mesmo que de forma inconsciente, sua busca por um ambiente mais favorável onde teria mais espaço, e, conseqüentemente mais adeptos, ou ouvintes mais passivos, culmina por lecionar na Universidade de Wittenberg, na Alemanha e em Oxford, na Inglaterra, o não isentando de conflitos, porém no âmbito acadêmico.

Neste sentido dificilmente se tratava de alguém desconhecido, que não seria dado falta, e os métodos de correção, promovidos pela Igreja, precisariam ser mais eficazes, pois neste caso a manutenção da imagem da Instituição Católica também poderia ser gravemente manchada, por isso que tão grave como um “mal feitor” seria um “herege abastado” e a Igreja estaria em cheque de forma mais abrangente.

Não totalmente estranho à atualidade, neste período, o poder de repercussão costuma ser maior para com julgamentos mais famosos, o que não implicaria necessariamente que o condenado escaparia ao incontestável fato comum a grande parte deste período, afinal mesmo que provavelmente Bruno tivesse um julgamento especial, havia uma tentativa de, em primeiro lugar, preservar a imagem da Igreja, e, para isso, o discurso de Giordano Bruno seria posto na ilegalidade. Embora tivesse especial atenção com esse caso, a condenação foi, de certa maneira, semelhante ao aplicado nesse período, afinal, não metaforicamente, as chamas não fazem distinção dos seres humanos que estavam sendo queimados e todos que foram condenados a isso, “falsários”, “malfeitores” ou “hereges” tiveram punição exemplar.

Dentre outros, é considerável que seja justamente essa situação de herege, de Giordano Bruno, que justifica a especial atenção com que esse caso foi tratado, do julgamento a morte, com ênfase para a “penúltima instância”, onde a língua amarrada com pano durante o seu julgamento e depois a execução, imagem certamente mais representativa do que a de sua posterior morte na fogueira, a língua amarrada é uma simbologia de maior representação e demonstração de importância com o acusado. Isso porque “tomar esse cuidado” aponta para duas situações que os Clérigos tentariam evitar nesse período, mais especificamente para este caso; a primeira delas é o ato em si, ao amarrar a língua havia a preocupação com o que poderia ser dito nos instantes finais durante o julgamento, para que o mesmo ocorra o mais perfeito possível, no sentido de a Igreja não expor sua imagem, e, com isso, uma segunda possibilidade a ser evitada, a Grande Instituição Dominante, para manutenção de seus ideais, ela mesma não poderia ajudar a criar um Mártir, um concorrente de Jesus Cristo; ou seja: queria tornar do acusado um exemplo a não ser seguido.

Então como fazer? Por certo em razão disto pode ser justificado que Bruno, quando em 1593 foi entregue as autoridades, ficou oito anos preso, sua figura longe da vida pública e de seus adeptos por esse período poderia contribuir para um esquecimento do pensador. Além disso, e não ao acaso, foi nesse período que esteve detido, antes de sua condenação, que as suas obras foram apreendidas pela Igreja, e posteriormente o pensador itinerante foi assassinado pela inquisição em 1600.

Giordano Bruno também foi mal visto pela instituição Cristã, por admirar, sobretudo, a rainha Elizabeth I, filha de Henrique VIII, fundador da Igreja da Inglaterra, considerados hereges pela Igreja Católica, e de fato era considerado herege tudo que desviava do dogma católico romano, incluindo a instituição recém-fundada na Inglaterra.

Ao divulgar a sua opinião, uma causa levou a outra, ao expor suas teorias, associadas ou complementando as de Copérnico, Bruno teve admiradores diversos, alguns deles deveras importante, onde fazia parte do portfólio dos conhecedores de seus trabalhos, pessoas poderosas pertencentes ao grupo de pessoas que a Igreja Católica havia rompido relação. Como a sua suposta aproximação à Rainha Elizabeth I.

Assim parte que fazia deste padre itinerante uma ameaça aos interesses da Igreja Católica, além de seu gosto pela ciência não autorizada, é parcialmente explicado também pelo convívio/afeição que ele teve com outros “hereges”. Referente à sua paixão por ciências ocultas, apesar de ele nunca ter questionado a existência de Deus, o que não diferencia muito de outros cientistas do período, contudo admirá-las era igualmente proibido.

A Igreja Católica, que tentava monopolizar o conhecimento, não tinha afeição à ciência e astrologia de forma geral, em se tratando de mudança, a não ser a reproduzida por ela mesma, ou que tem discurso simpático ao oficial pregado pela Instituição,⁴² somado a isso que havia má fama de alguns cientistas, “má fama”⁴³ divulgada pela próprio Clero dono do discurso oficial e seus simpatizantes, e os pensadores ao questionarem as “leis universais” da época, tais estudos por serem oriundos da linguagem não oficial eram tratados como ilegais e seus autores como “hereges” e toda a implicação que isto pode trazer.

Isso tudo não necessariamente quer dizer que a Igreja não conhecia tais estudos, haja vista que a revolução de novos pensamentos cada vez mais ramificados, pode se dizer que também ocorrera dentro da mesma, com membros do próprio Clero, como Copérnico, e Giordano Bruno, além dos Reformistas como o próprio Lutero.

⁴² Dentre os estudos permitidos havia a **filosofia escolástica**: Filosofia oficial da Igreja que se baseia principalmente na obra de **Tomas de Aquino**, um grande pensador da Igreja do século XIII. Este pensador quem adaptou as ideias de Aristóteles a visão de mundo da Igreja medieval. Em um ambiente onde a vida cultural era profundamente ligada à Igreja católica, naturalmente Aristóteles, fundamentado por Tomas de Aquino, passou a ser muito admirado e ensinado nas universidades. Não era pecado amar a sabedoria desde que esta não fosse herética, neste sentido argumenta Marcia Helena Alvim: “*Para muitos homens da Igreja como Tomás de Aquino, a prática astrológica que não atingisse o princípio do livre-arbítrio era considerada lícita. Desta forma, o estudo da astrologia foi veiculado em muitas universidades e colégios medievais. A astrologia permitida pela Igreja se referia às previsões sobre o mundo natural, sobre os acontecimentos celestes (eclipses e cometas) e os fenômenos ligados ao corpo físico (doenças). A astrologia judiciária era fortemente perseguida e condenada pela Igreja.*”. ALVIM. Márcia Helena **O conhecimento europeu acerca da natureza: a Filosofia Natural e as crônicas elaboradas na Nova Espanha do século XVI** (Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC Campinas – 2006) p. 07.

⁴³ Dentro deste quadro discursivo o ponto de vista do Clero a exemplo de São Tomás de Aquino: “*Se falsários e outros malfeitores são justamente condenados à morte, muito mais podem os hereges ser justamente mortos*” Em sua obra: **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p 56, HAUGHT explica a aprovação dada pela igreja para matar os que eram considerados por ela como hereges.

2. A MENTE DE UM INLUSTRÍSSIMO CAVALEIRO.

A história do pensamento de Bruno é dividida em duas fases;⁴⁴ na primeira (nesta inclusive quando ele constitui a obra: Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos, 1584.) produz seus livros em sua língua materna, italiano, e a segunda fase de seu pensamento os seus escritos são em latim, que acaba por apresentar um caráter resumido dos diversos assuntos da primeira fase de seu pensamento, porém de uma maneira mais sistemática.

Quando morou na Universidade de Oxford na Inglaterra, além da obra: *De l'Infinito, Universo et Mondi*, produziu também outros cinco livros⁴⁵ todos eles em italiano e, conseqüentemente, pertencentes à sua primeira fase de pensamento.

Assim como: *De l'Infinito, Universo et Mondi*, na obra: *La Cena de le Ceneri*, (A Ceia das Cinzas) Giordano Bruno trata de assuntos astronômicos, entretanto o ponto central em: *La Cena de le Ceneri*, é uma discussão da teoria heliocêntrica de Copérnico, enquanto *De l'Infinito, Universo et Mondi*, é uma crítica à teoria dos mundos de Aristóteles. (NEUSER: 1995, p. 9)

É possível verificar algumas hipóteses que motivaram Giordano Bruno a publicar Sobre o Infinito o Universo e os Mundos, a primeira, justificada pela recepção de sua obra: A Ceia das Cinzas; não bem recebida em Oxford, decidindo então fundamentar sua posição com: Sobre o Infinito o Universo e os Mundos, se opondo à obra referencial do período: *De Coelo* (Sobre o Céu) de Aristóteles, (384-322 a.C.) propondo um novo diálogo.

“Porque Bruno recebera muitas críticas ao *La Cena de le Ceneri* é possível que ele quisesse fundar sua posição criticando a teoria elementar sobre a estrutura do céu,(...)”⁴⁶

⁴⁴ “(...) A primeira fase abrange os escritos italianos. Estes escritos tratam de uma arte da memória no estilo de Raimundo Lúlio (1235-1315). A arte da memória é uma técnica utilizada para recordar ou lembrar alguma coisa, associado-a a uma figura qualquer. Bruno usa a metáfora de uma dependência imaginária dentro de uma casa imaginária. Outros assuntos são a astronomia, a ética e uma teoria do conhecimento. As obras da segunda fase abrangem os poemas no estilo do *De rerum natura* de Lucrécio (95-55 a.C.) e foram escritos em latim. O assunto dos poemas é uma argumentação sistemática que resume os diversos assuntos das obras da primeira fase. (...)” NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 10.

⁴⁵ As obras são: *La Cena de le Ceneri. De la Causa, Principio, et Uno. Spaccio de la Bestia Trionfante*. Ambas de 1584, e as obras: *Cabala del Cavallo Pegaseo, Asino Cillenico* e *De gl' Heroici Furori* são datadas em 1585, segundo o autor: NEUSER, Wolfgang, em: **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 9.

Outra perspectiva é a do próprio contexto histórico representado por uma instituição dominante em crise já apresentado, somado a importante temática: “(...) do pressuposto de que conhecimento não sofre rupturas mas acréscimos ao longo de sua construção (...)”. (LENZ: 2004, p. 4) e a interação social com a acumulação de conhecimentos: “(...) os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica.” (KUHN: 2006, p. 20)

Este complexo contexto transitório por hora não favorável à liberdade de expressão, antagonicamente contribuiu para muitos pensadores do período se posicionar, ou para manutenção ou para mudança, gerando temáticas que, a exemplo do caso de Bruno, abriria precedentes modernos, e, conseqüentemente, menos simpático ao discurso Aristotélico-Ptolomaico aceito pela Igreja, para uma aproximação com “novos” pensadores. Essa busca pelo novo não representa uma imediata troca da base cultural já enraizada, mas a muitos pensadores, um novo diálogo, uma busca a uma nova estrutura explicativa era uma oportunidade de entender o seu próprio tempo; “As teorias que se desenvolviam a partir da filosofia platônica pareciam oferecer melhor possibilidade de formular um novo pensamento filosófico.” (NEUSER: 1995, p. 12)

Entretanto neste quadro contextual demonstra a complexidade de Giordano Bruno: “Ainda assim, não se resolve o problema de Bruno fazendo dele um neoplatônico antigo, seguidor de um culto egípcio de mistério, (...)” (YATES: 1987, p. 303-304) (NOTA, Nr. 21 p. 23 b)

A crítica à obra de Aristóteles reflete em Bruno uma preocupação ou demonstra um interesse nos problemas da sociedade do período: “A revolução da terra em volta do sol é nesses dias um modelo de mudança na sociedade.”⁴⁷

Por isso, a razão pela qual Bruno escreveria outro livro sobre astronomia, uma crítica à Aristóteles, poderia ser a de buscar destruir a fundamentação da discussão acadêmica. Ora, a discussão sobre as condições dos conceitos, para uma astronomia que tem em consideração um espaço infinito e infinitos mundos, é muito moderna. Ainda hoje, quando contamos com uma geometria não-euclidiana, temos espaços ilimitados porém finitos e os infinitos

⁴⁶ NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 9.

⁴⁷ NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 9-10.

mundos são compreendidos enquanto galáxias múltiplas ou supergaláxias.⁴⁸

E esses acontecimentos, e possivelmente outros elementos a se descobrir, ou não trabalhados aqui, como a exemplo da relação da sociedade com os pensadores humanistas e iluministas,⁴⁹ colaboraram para a criação da sua célebre obra: Sobre o Infinito o Universo e os Mundos e que, diferentemente da sua obra anterior, é considerada acadêmica.

Porém essa sua obra anterior; A Ceia das Cinzas é inegável como um passo registrado no desenvolvimento intelectual de Bruno, que, em hipótese, não teria motivos para ter elaborado a sua célebre obra: *De l' Infinito, Universo et Mondis*, sem a crítica da sua obra anterior, *La Cena de le Ceneri* e logo não teria debatido documentalmente com a base intelectual aristotélica do período como o fizera, apenas aceitando-a.

Portanto Sobre o Infinito o Universo e os Mundos é o próximo passo que se não inaugurando uma nova fase de seu pensamento, afinal ambas as obras são pertinentes ao seu primeiro estágio de pensamento, o poderia ser, e o faz na vida intelectual burocrática de fato.⁵⁰

⁴⁸ NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p.10.

⁴⁹ Ver mais desta relação em: NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p 12-13. Sobre o caracter Humanista a Autora LENS destaca: “O movimento humanista, dos séculos XIV a XVI, impôs-se como fator cultural na Península itálica, estendendo-se para a ibérica e para o norte da Europa. Afinal, recorreu-se ao vasto uso de material histórico arqueológico, de pesquisa e de crítica às fontes, além de cuidadosa investigação filológica das mesmas, divulgando a literatura em língua vulgar, exceto pelos **gruppi intellettuali comunali**, como o toscano. Seus maiores representantes, embora escrevessem obras em latim clássico, também contribuíram para a consolidação do italiano florentino, a língua **mater** e oficial da Itália até a atualidade.” LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini: O Renascimento da História**. Londrina: Eduel, 2004, p. 21.

LENS aponta também o papel decisivo das grandes navegações: “O ideal humanista de exaltação dos antigos foi, por sua vez, contraposto pelas descobertas marítimas e derrubaram três pressupostos da Antiguidade. Primeiro, de que não se poderia ultrapassar a linha do equinócio, então a impossibilidade de se viver em uma zona, abaixo do equador, considerada tórrida; por último, de que não se sobreviveria ao clima gélido da região polar no extremo sul. Já os dogmas da Igreja Católica afirmavam que o Evangelho de Cristo fora propagado pelos Doze Apóstolos pelos quatro cantos do mundo.” LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini: O Renascimento da História**. Londrina: Eduel, 2004, p. 18.

⁵⁰ “Porque Bruno recebera muitas críticas ao *La Cena de le Ceneri* é possível que ele quisesse fundar sua posição criticando a teoria elementar sobre a estrutura do céu, na Universidade de Oxford. Por isso, o livro **Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos** é um livro acadêmico.” NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p.9.

2.1 O LIVRO E SUA ESTRUTURA.

(...) Mas, por ser eu delineador do campo da natureza, por estar preocupado com o alimento da alma, interessado pela cultura do espírito e dedicado à atividade do intelecto, eis que os visados me ameaçam, os observados me assaltam, os atingidos me mordem, os desmascarados me devoram. E não é só um, não são poucos, são muitos, são quase todos.(...) mas por amor a verdadeira sabedoria e por dedicação à verdadeira contemplação eu me afadigo, me sacrifico, me atormento. Eis o que irão comprovar os argumentos informado por imagens não falsas, as quais, como verdadeiras embaixatrizes, desprendem-se das coisas da natureza e se tornam presentes àqueles que as procuram,(...) Eis, pois, que agora vos apresento a minha especulação acerca do infinito, do universo e dos mundos inumeráveis.⁵¹

Foi escrita em 1584, em solo inglês, a mais célebre obra de Giordano Bruno: Sobre o Infinito, o universo e os Mundos e logo no início, intitulado como Epístola Preambular, o Autor a dedica ao nobre francês Michel de Castelnau, e a Rainha da Inglaterra: Elizabeth I, filha de Henrique VIII, fundador da Igreja da Inglaterra, estes últimos, Pai e Filha, considerados hereges pela Igreja Católica. Também neste início introdutório Bruno apresenta brevemente os diálogos que pretende desenvolver, “(...) mas nos diálogos ele não apresenta todas as argumentações mencionadas na epístola preambular”. (NEUSER: 1995, p. 17)

Texto original em italiano, a língua mãe do escritor, a obra é influenciada pela educação clássica grega, como Lucrécio, que Bruno teve acesso, em especial ela lembra os diálogos de Platão com Sócrates, lembrando que para alguns historiadores Sócrates seria um personagem da obra de Platão, não tendo existido fisicamente.

Bruno de forma semelhante ao exemplo citado trabalha com uma estrutura organizada sob a forma de dialogo entre os interlocutores, são 5 (cinco) personagens utilizados, cada qual com seu perfil, e especula-se a existência real das pessoas que Bruno teria elogiado ao dar nome aos interlocutores do seu grande texto. Entretanto e evidentemente os personagens interagem à vontade do Autor, e alguns deles, como é o caso de “Filóteo” consta presente nos cinco volumes; “Filóteo” é o próprio Giordano Bruno, e a origem de seu pseudônimo é uma

⁵¹ (Epístola Preambular escrita por BRUNO: 1584) BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.3-4. (Ver Nota Nr. 1. p. 9.)

referência ao seu professor de Lógica, Teófilo de Varrano, afirma: (NEUSER: 1995, p. 16)

Além de **Filóteo** (Giordano Bruno) temos mais quatro interlocutores: “Fracastório”, “Elpino”, “Búrquio” e “Albertino”.

(NEUSER: 1995, p. 16): trabalha com essas possibilidades:

Fracastório: “(1483-1553) é um médico italiano.”.

Elpino: “Não se sabe quem é Elpino.”.

Búrquio: “um homem do tipo caturra, parecido com Simplício nas obras de Galilei. (Os argumentos de Búrquio nunca são os argumentos de Bruno)” NEUSER, 1995, p.16

Albertino: especula-se ser Alberto Magno (1183-1280) ou a Albertino Parvus (1316-1390)

Referente a Albertino (aparece somente no Diálogo Quinto como será demonstrado a seguir) o próprio Giordano Bruno (diferentemente dos demais; Elpino, Filóteo, Fracastório e Búrquio dos quais o Autor não se preocupa em apresentá-los) descreve Albertino com essas palavras:

No princípio do quinto diálogo se apresenta uma personagem dotada de inteligência mais feliz que, embora nutrida pela doutrina contrária, por ter capacidade de julgar sobre o que viu e ouviu, pode distinguir as diferenças entre um e outra, e facilmente reconhece o erro e se corrige. Aponta-se quem são os que admiram Aristóteles como um milagre da natureza, porquanto aqueles que o exaltam compreendem-no muito mal e são pouco inteligentes. Por isso devemos ter dó de tais indivíduos e fugir de suas discussões, porque, com eles, só temos a perder [nosso esforço e nosso tempo].⁵²

Embora seja 5 (cinco) o número de personagens, em nenhum momento Bruno trabalha com todos eles em cada um dos seus 5 (cinco) livros-diálogos contidos em sua obra, opta em dialogar nestas subdivisões intituladas “Diálogo”, que

⁵²BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.10-11.

vai do 1ª (primeiro) ao 5ª (quinto) com o mínimo de 3 (três) interlocutores por Diálogo, e no máximo 4 (quatro) dos 5 (cinco) criados pelo Autor , e estão disponíveis na seguinte organização:

Diálogo 1ª: Elpino, Filóteo, Fracastório, Búrquio.

Diálogo 2ª: Elpino, Filóteo, Fracastório, Búrquio.

Diálogo 3ª: Elpino, Filóteo, Fracastório, Búrquio.

Diálogo 4ª: Elpino, Filóteo, Fracastório.

Diálogo 5ª: Elpino, Filóteo, Fracastório, Albertino.

Albertino: apenas no Dialogo 5ª

Búrquio: do Dialogo 1ª ao 3ª

Filóteo, Fracastório e Elpino estão do 1ª ao 5ª.

Na prática Búrquio, que é favorável a Aristóteles, é utilizado até o Dialogo Terceiro, depois o Autor dispensa Burquio no auge do seguinte diálogo:

FRACASTÓRIO – Esta seria a melhor de todas as razões que você apresentou, se fosse uma razão.

BÚRQUIO – Você seria mais douto que Aristóteles, se não fosse uma besta, um coitado, um mendigo, um miserável, alimentado a pão de milho, morto de fome, gerado por um alfaiate, nascido de uma lavadeira, sobrinho de Chico sapateiro, filho de Momo, cafetão de prostitutas, irmão de Lázaro que faz ferraduras para os asnos. Fiquem possuídos por cem diabos vocês também, que não são muito melhores que ele!

ELPINO – Por favor, magnifico senhor, não mais se preocupe em vir encontrar-nos.⁵³

É válido lembrar que o objetivo deste trabalho é analisar o Diálogo Quinto, contudo esses e outros assuntos são pontuais e influenciaram a forma estrutural até este ultimo diálogo, a começar com a retirada de um interlocutor defensor assíduo das ideias de Aristóteles; BÚRQUIO.

⁵³ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.58.

“Em todos os diálogos do livro intitulado *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*, há uma estrutura de argumentação muito parecida, ou seja, semelhante”. (NEUSER: 1995) p. 41. Então o que torna a leitura do Dialogo Quinto especial?

A soma dos cinco diálogos tem como foco contradizer as bases teóricas da natureza de sua época, que tinha como ícone Aristóteles, e, até que se prove o contrário, o trabalho de Bruno também foi o primeiro apresentado a uma universidade, e reconhecidamente acadêmico, que apresenta e é fruto da soma de vários outros estudos onde a razão de existir foi direcionada por Bruno para por abaixo a teoria aristotélica que simplesmente ocupava um patamar de teoria icônica, vigente e respeitada.

Em tese há razão contraditória, porém aceitável, para Bruno ter como intuito apenas e meramente defender o seu trabalho anterior *La Cena de le Ceneri* duramente criticado. Porém, neste caso, o que pode parecer plausível, dificilmente o é, mas não impossibilita sua sustentação, como o próprio Giordano Bruno aconselha: “Quem quiser julgar corretamente, como já falei, deve saber despojar-se do costume de acreditar; deve considerar igualmente possível tanto uma como a outra contraditória (...)”. (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 74) (p. 25 b)

Então, mesmo à luz de análises de importância relevante, que obviamente não substitui a análise direta da fonte, onde ambas, fonte e respectivas análises, são ricas em sensibilidade e inquietação da personagem com o mundo que cercava, e o trabalho, mesmo que não tenha como intenção, pode mostrar uma eventual variável de Giordano Bruno preso em seu tempo junto com o fenômeno da Inquisição. Assim tal perspectiva, a de que Bruno poderia não saber o quanto era importante esse seu “trabalho resposta” criado em Cinco Diálogos, pode ser rasa, mas pode ser sustentada.

Isso porque o contexto social vivido pelo padre-filósofo se apresenta deveras diferente do atual e contemporâneo, e sua escolha ousada para os padrões locais em abandonar os hábitos de Dominicano, dentre tantas **ações** que tivera, como gosto por leituras não autorizadas, amizades não recomendadas culminariam nas **reações** que sofreria, como não ter endereço fixo, fruto da eterna fuga dos tribunais da Inquisição; e, neste sentido, ir em caminho oposto a ordem estrutural acadêmica aristotélica pode parecer a Bruno apenas uma entre tantas escolhas a fim de

defender seus ideais, que por seguinte era, em grande parte, diferente dos ideais dominantes.

Entretanto aceitar tal perspectiva atribui um caráter inocente a Giordano Bruno que diverge a inteligência demonstrada pelo Autor, além de gravemente o desvincular dos problemas sociais do período. Essa inteligência sensível de Bruno tendente a ser aceitável com mais facilidade contemporaneamente em si comparada ao período vivido por Bruno, e, de modo antagônico, por ir contra estruturas de pensamento enraizadas de seu tempo, a própria sorte de tormentos que tivera para fazer valer suas interpretações, poderia beirar a loucura frente a seus contemporâneos, admirado e odiado.

No intuito de fugir de uma perspectiva não condizente com a genialidade do Autor, torna-se inegável para o entendimento de seu pensamento (além da análise de seu próprio contexto, temas abordados com ênfase no Capítulo 1 que focam a análise do universo que o cerca, se faz necessário trivialmente, contaminante a ela à luz da análise do contexto), o contato com a obra do Autor, a análise da Fonte. Assim nota-se o caráter de sua obra.

Ele autodenominou um “delineador do campo da natureza”⁵⁴ demonstrava confiança em suas convicções, e, com ajuda do seu contexto histórico somado a análise direta da fonte, verifica-se em Bruno nitidamente a descrença no representante da filosofia da natureza do período, Aristóteles.

Neste sentido, mesmo com citadas ferramentas, ainda assim é pouco provável ousar a maioria dos desdobramentos de pensamento de alguém como Bruno; tarefa mais simples é saber de sua consciência a exemplo dos fatos que o cercavam.

As suas discussões, as respostas que ele trazia para a sua atualidade, são reveladoras, mesmo que tão maximizado difícil deva ser isto para o próprio escritor italiano imerso em seu novo universo, inserido e devedor de outro a ser superado, o qual Bruno lutou para isto. Universos opostamente complementares,⁵⁵ vividos por ele no ato de gerir seu trabalho. Bruno travou batalha que contradizia as leis universais apresentando um caminho vislumbrado a posterior por Modernistas que teriam trabalhos importantes por sua vez.

⁵⁴ Ver cit. Nr. 51 p.37.

⁵⁵ Ver nota Nr. 5 p. 12.

A julgar pelo histórico tende-se a aceitar que Giordano Bruno estava preocupado com a recepção de suas ideias, não mais que tinha contaminantes a isto razões para preocupar com sua sobrevivência. Conhecimento é a razão de existir de Bruno, isso o teria motivado a repercutir suas descobertas e vislumbrando defende-las mesmo que tenha se necessário e o foi, “mudar” o cenário que o cercava, este que incluía sua tentativa de fugir do julgamento da Inquisição e questionar a ordem intelectual aristotélica.

Notável sua angústia, assim como sua inteligência, e ele fatidicamente a usaria, como o fez, onde mais ela teria eficácia, em um ambiente melhor que aceite seu perfil. Somente Ele poderia nos responder algumas questões, a exemplo da possibilidade de uma inconsciente vontade de ter nascido em outra época, símbolo típico de quem não esta a vontade onde esta, geradora de descontentamento, angústia e desejo de se expressar com liberdade. Isto justificaria suas escolhas.

Mesmo que hipoteticamente o Padre-Filósofo tivesse a vontade de viver em outro tempo, (provavelmente no Passado, inspirador de tantos intelectuais do período e fonte de leitura do Autor) ou, ainda que pouco provável no Futuro, para observar o desfecho de suas discussões. Em tese o grande problema era ele ser “filho de seu tempo” e esse sentimento de deslocamento com a impossibilidade de acesso físico mais provável ao passado do que no futuro, ele teria de buscar o local mais adequado à recepção de suas teorias, e foi no meio acadêmico, onde encontra um local para não mais fugir, como na ocasião o fez quando membro Dominicano.

Culmina por lecionar na Universidade de Oxford, na Inglaterra e Wittenberg, na Alemanha, o não isentando de conflitos, porém no âmbito de controle acadêmico.

Hoje é sabido que sua obra teve papel influente, decisivo como ponto de partida para argumentações a respeito de vários estudos posteriores como os de Thomas KHUN,⁵⁶ que também é referido neste, e toda uma geração de pensadores modernos e além, afinal quem teve acesso a KHUN e outros pensadores, que, por

⁵⁶ Wolfgang NEUSER argumenta, especificamente sob a análise do DIALGO QUINTO: “Nesse contexto, Bruno formula uma sentença aceita e repetida por Max Planck (1858-1947), dando grandes esperanças aos reformadores. Com base nesta opinião, Thomas Kuhn funda a síntese da revolução das ciências.” NEUSER, Wolfgang, em: **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 93. (Opinião de BRUNO que influenciou KUHN segundo NEUSER): “Quem quiser julgar corretamente, como já falei, deve saber despojar-se do costume de acreditar; deve considerar igualmente possível tanto uma como a outra contraditória, e abandonar de fato aquela tendência da qual estamos imbuídos desde a infância: tanto a que nos apresenta a conversão geral como a outra, pela qual renascemos mediante a filosofia, morrendo para o vulgo entre os estudiosos considerados sábios por toda a multidão, numa determinada época.” BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.74.

sua vez conheceram Bruno, indiretamente passam por uma nova abordagem ou influência da obra do padre-filósofo.

Portanto o que torna a leitura do Dialogo Quinto especial é justamente isto, o contato insubstituível com a Fonte, que nesta interpretação visa à tentativa de entender o final do pensamento de um grande personagem histórico que não tinha pudor algum ao se intitular “ilustríssimo Cavaleiro”.⁵⁷ Último pensamento não de sua última obra, entretanto a obra mais importante, culminante no Dialogo Quinto que representa o caráter de fechamento de uma discussão iniciada em seu livro: A Ceia das Cinzas criticado e respondido em Cinco Diálogos na obra Sobre o Infinito o Universo e os Mundos.

2.2 O DIÁLOGO QUINTO.

Assim como nos demais diálogos o Quinto permanece como objeto central o debate com as obras de Aristóteles, e para isso Bruno aceitou necessária uma troca de interlocutores, onde BÚRQUIO (ideias favoráveis a Aristóteles) presente até o Dialogo Terceiro e ausente no Diálogo Quarto e assim desde então tem sua “vaga” preenchida pelo novo ALBERTINO, este que apresenta características mais próximas a FILÓTEO.

Então Bruno começa a introdução e apresentação do novo interlocutor o associando a um panorama geral do que foi abordado nos diálogos anteriores.

O Autor pelo interlocutor ELPINO apresenta ALBERTINO a princípio como alguém com inteligência superior por compartilhar a visão de um novo mundo semelhante a sua, (ELPINO):

(...) São raízes cortadas que brotam, são coisas antigas que voltam, são verdades escondidas que se descobrem: é uma nova luz que, depois de longa noite, desponta no horizonte e no hemisfério do nosso conhecimento e aos poucos se aproxima do meridiano da nossa inteligência.⁵⁸

⁵⁷ Idem cit. Nr. 1 p.5

⁵⁸ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.73.

Este novo mundo de raízes cortadas que brotam enfatiza o novo que é encontrado em uma nova leitura do passado. “As teorias que se desenvolviam a partir da filosofia platônica pareciam oferecer melhor possibilidade de formular um novo pensamento filosófico.” (NEUSER: 1995, p.12) (p. 36 b)

ELPINO da mesma maneira que elogia a inteligência de ALBERTINO por jogar este ser favorável a sua visão, critica os que mantem-se ao padrão aristotélico: (...) Deixo de lado aqueles intelectos sórdidos e mercenários que, pouco ou nada preocupados com a verdade, estão satisfeitos com aquilo que é comumente considerado saber, pouco amigos da verdadeira sabedoria (..) (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 74)⁵⁹

ELPINO acredita fielmente que ALBERTINO compartilha de sua visão privilegiada da verdadeira sabedoria:

(...) Pode falar o que quiser, porque, se você tiver inteligência, como eu julgo tê-la, concordará como eu concordei. Se tiver uma inteligência melhor, concordará mais rapidamente e melhor, como acredito que acontecerá. (...) ⁶⁰

ALBERTINO, ao contrário das expectativas de ELPINO, dá indícios de que é adepto a Aristóteles e assim se revela ao responder as indagações de ELPINO: “Ser solícito contra as opiniões tolas e estúpidas é próprio das pessoas tolas e estúpidas, diz o príncipe Aristóteles.” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 74)

ELPINO assim responde:

Muito Certo. Mas, se você reparar bem, esta sentença e este conselho virão servir contra as suas próprias opiniões, quando forem abertamente estúpidas e todas. Quem quiser julgar corretamente, devemos lembrar o que afirmou o próprio Aristóteles, que, talvez pelo fato de só considerarmos poucas coisas, às vezes emitimos juízos com muita facilidade e, além disso, que, por força do costume, uma opinião é muitas vezes aceita de tal forma que coisas impossíveis nos parecem necessárias; e outras coisas, que são veracíssimas e necessárias, nos parecem impossíveis. ⁶¹

⁵⁹ Assim continua a endagar ELPINO: (...) “*avidos de fama e reputação de sábios, desejosos de aparecer, mas pouco preocupados em ser. Eu afirmo que dificilmente poderá escolher entre as diversas opiniões, e às vezes afirmações contraditórias, aquele que não possuir um sólido e reto juízo a respeito delas*”. BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.74.

⁶⁰ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.73.

⁶¹ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.74.

Agora quem questiona é ELPINO a ALBERTINO a fim de fazer valer suas razões contrárias a de Aristóteles: “E se isto acontece nas coisas que por si são evidentes, que será nas dúvidas, que dependem de princípios bem postos e de fundamentos sólidos?”. (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 74)

E assim o embate de opostos segue:

Albertino – É opinião do comentador Averróis,⁶² e de muitos outros, que não se pode saber o que Aristóteles ignorou.

Elpino – Ele e toda essa multidão tinham uma inteligência tão mesquinha e sua ignorância era tão profunda, que por mais alto e mais claro que pudesse enxergar, ali estava Aristóteles. Contudo, se estes e os outros, quando emitem semelhante sentença, quisessem falar com mais rigor, deveriam dizer que Aristóteles é um Deus, segundo o parecer deles; sendo a opinião como a da macaca, que julga seus filhos as mais belas criaturas do mundo e seu macaco o mais lindo macho da terra.⁶³

Albertino – Os montes dão à luz...

Elpino – Você verá que não é o rato que nasce.

Albertino – Muitos têm atirado setas e lutado contra Aristóteles, mas ruíram os castelos, quebraram-se as pontas das flechas e partiram-se os arcos.

Elpino – Que acontece quando uma estupidez luta contra outra? Uma pode ganhar de todas as outras, mas nem por isto deixa de ser estupidez; e não poderá, no fim, ser descoberta e vencida pela verdade?

Albertino – Afirmando que é impossível contradizer Aristóteles, demonstrativamente.

Elpino – Esta é uma afirmação demasiado precipitada.⁶⁴

Essa discussão entre os personagens da mente de Giordano Bruno: ALBERTINO (pró-Aristóteles) e ELPINO (anti-Aristóteles), ALBERTINO reluta em

⁶²“O tema sobre a estrutura do mundo, isto é, o livro *De Coelo* de Aristóteles foi o livro mais fundamental sobre esse assunto. No século XII, *De Coelo* foi traduzido do árabe por Gerrard de Cremona e no século XIII um comentário do um comentário do árabe Averroes (1126-1198) foi traduzido por Michael Scotus, comentário este que foi publicado em todas as edições do livro de Aristóteles, até o século XVII. Desde aproximadamente 1260, existe uma tradução do *De Coelo* de Aristóteles feito a partir do texto grego por Guilherme de Moerbeke. A edição de Averroes teve muita influência na Idade Média até o Renascimento e muitos comentários, como por exemplo o de Alberto Magno (1193-1280), recorreram a Averroes.” NEUSER, Wolfgang, em: **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 10.

⁶³ Possivelmente Giordano Bruno ao referendar satiricamente Aristóteles a um Deus, teve como fonte inspiradora, direta ou indireta, as discussões iniciadas a princípio por XENÓFANES (580-475 a.C.): “(...) e essa seria justamente a parte mais importante de sua obra — poemas satíricos, os *silloi*, criticando, em nome das novas idéias filosóficas, a mentalidade vulgar, particularmente quanto à concepção do divino. Apoiado na visão do universo como constituído a partir de uma única origem (a *arché*, que os pensadores jônicos já qualificavam de “divino”), Xenófanes proclama: “Um deus é o supremo entre os deuses e os homens; nem em sua forma, nem em seu pensamento é igual aos mortais”. Começava o combate aos deuses antropomórficos, herdados da tradição homérica.” COLEÇÃO: Os Pensadores: **Os Pré-Socráticos - Vida e Obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.p. 25-26. “Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm.” COLEÇÃO: Os Pensadores: **Os Pré-Socráticos - Vida e Obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.p. 79. SÁTIRAS.

⁶⁴ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.74-75.

aceitar outra tentativa estrutural a não ser a preexistente, e ELPINO atua no sentido de conversão do interlocutor:

Você quer então que eu me torne discípulo deste? Eu, que sou doutor, aprovado por mil academias, e que exerci publicamente a profissão de filósofo nas primeiras academias do mundo, venha, agora, renegar Aristóteles e me deixar ensinar filosofia por elementos semelhantes?

Elpino – Eu, por mim, gostaria de ser ensinado, não como doutor, mas como indouto; Desejaria aprender, não como aquele que deveria ser, mas como aquele que não sou. Por isso, aceitaria por mestre não somente este mas qualquer outro que os deuses me enviassem, pois que eles lhe fazem entender aquilo que eu não entendo.

Albertino – Você pretende, então, me fazer voltar a ser criança?

Elpino – Pelo contrário, deixar de ser criança.⁶⁵

ALBERTINO ao responder de maneira oposta a esta tentativa de convencimento por parte de ELPINO reflete com mais nitidez a própria angústia de Giordano Bruno dividido entre dois mundos tal qual ALBERTINO. Contudo, tal sentimento angustioso não é exclusivo de ALBERTINO, (a ser convertido), pois ELPINO, na tentativa de conversão de ALBERTINO, transparece idem de angústias do Autor, e consciência de seu tempo: “(...) homem combatido porque a multidão é contrária àquele que se coloca fora dela; e quem se põe no alto torna-se alvo de muitos.” (BRUNO 1584 ed. 1978, p.76) Situação como consta na integra:

Albertino – Muito obrigado pela cortesia, pois você pretende fazer-me ir para a frente e enaltecer-me, tornando-me ouvinte deste homem combatido, que todo mundo sabe quanto é odiado pelas academias, como é adversário das teorias comuns, louvado por poucas pessoas, aceito por ninguém, perseguido por todo o mundo.

Elpino – Por todos sim, mas por todos do seu tipo; por poucos sim, mas ótimos e heroicos. Ele⁶⁶ é adversário das doutrinas comuns, não por serem doutrinas ou por serem comuns, mas por serem falsas. Odiado pelas academias porque onde existe dessemelhança não existe harmonia;⁶⁷ homem combatido porque a multidão é contrária

⁶⁵ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p.74

⁶⁶ Aqui ELE, a figura oposta a Aristóteles, pode ser Platão: “As teorias que se desenvolviam a partir da filosofia platônica pareciam oferecer melhor possibilidade de formular um novo pensamento filosófico.” (NEUSER: 1995) p.12. (Cit. p. 35) - (Cit. P. 43) b. Mas não se trata de Copérnico afinal este já fora trabalhado na obra anterior de Bruno: *La Cena de le Ceneri*.

⁶⁷ “O termo aqui usado por Giordano Bruno, no texto original, é “amor”, mas a partir o período humanístico o significado que esta palavra adquire é o que possuía no período clássico, isto é, “harmonia”. Este significado mantém-se por toda a Renascença.” (N.do T). BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO: nesta verificar Nota Nr. 40, (N. do. T) p.76.

àquele que se coloca fora dela; e quem se põe no alto torna-se alvo de muitos.⁶⁸

Neste momento onde o Autor Giordano Bruno ficaria aparentemente “exposto” tanto por palavras de ELPINO (contra Aristóteles) quanto de ALBERTINO (favorável Aristóteles), coincidentemente ou não, Bruno opta e trás para o debate, que visa tentar a conversão de ALBERTINO, o interlocutor que o representa na trama: FILÓTEO.

Nota-se, porém, a figura de FRACASTÓRIO, entretanto este é utilizado apenas para saudar FILÓTEO e para fazer uma última consideração colaborando com ELPINO E FILÓTEIO, não aparecendo mais na obra de Bruno, cabendo a ELPINO E FILÓTEO a discussão com ALBERTINO:

Albertino – Nada podendo fazer a natureza, nem eu posso, se a doença tiver penetrado até o osso.

Fracastório – Por favor, meu senhor, tome-lhe antes o pulso e depois examine a urina; porque depois, se não pudermos efetuar a cura, daremos, ao menos, algum palpite.

Albertino – A forma de tomar o pulso é ver como poderá você resolver e se livrar de alguns argumentos, que agora mesmo eu lhe apresento, e que necessariamente concluem pela impossibilidade de múltiplos mundos; menos ainda, que os mundos sejam infinitos.

Filóteio – Ficarei muito grato se conseguir me ensinar isto; e mesmo que seu intento não alcance êxito, ficar-lhe-ei devedor, por ter-me confirmado na minha opinião. Porque, na verdade, eu o considero tão esperto que por sua causa poderei perceber toda a força da opinião contrária. Ao mesmo tempo, você que é tão perito nas ciências ordinárias, facilmente poderá perceber o valor de minhas teses fundamentais e minhas construções teóricas, pela diferença dos nossos princípios.⁶⁹

Para tal, FILÓTEO aponta como gostaria que fosse a ordem para o encaminhamento das próximas abordagens:

Filóteo – (...) Ora, para que não haja interrupção de raciocínios, e cada um possa explicar tudo a seu gosto, faça o favor de apresentar todas as razões que julgar mais sólidas e principais, e que lhe pareçam concluir demonstrativamente”.

Albertino – Assim farei.⁷⁰

⁶⁸ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO p.76.

⁶⁹ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO p.76-77.

⁷⁰ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO p.77.

Para demonstrar seu entendimento de Aristóteles ALBERTINO lista 12 (doze) argumentos a respeito da teoria dos mundos de Aristóteles. Para simplificar essa tarefa, ao invés de ser posto aqui com riqueza de detalhes como consta no Diálogo Quinto, será posto aqui sem intermediação do interlocutor ALBERTINO, com a ajuda das palavras do próprio BRUNO em caráter resumido, como o Autor já o fizera originalmente em modo compacto, em primeira apresentação, visando apresentação de todos os diálogos, do Primeiro ao Quinto para depois aprofundá-los nos diálogos que se seguem. Tendo em vista essas considerações, segue Giordano Bruno apresentando os 12 (doze) que na verdade aqui é apresentado 11 (onze) ⁷¹ argumentos de Albertino que são inspirados em Aristóteles:

Aqui Albertino, novo interlocutor, apresenta doze argumentos em que se encerra toda a convicção contrária à pluralidade e multidão dos mundos. O primeiro parte da ideia de que fora do mundo não há lugar, nem tempo, nem vácuo, nem corpo simples nem composto. O segundo, da unidade do motor. O terceiro, dos lugares dos corpos móveis. O quarto, da distância dos horizontes ao centro. O quinto, da contiguidade da mais mundos orbiculares. O sexto, dos espaços triangulares que [tais mundos] causam com seu contato. O sétimo, do infinito em ato, que não existe, e de um determinado número que não é mais lógico do que outro. (...) O oitavo, da limitação das coisas naturais, e da potência passiva das coisas, que não corresponde à eficácia divina e à potência ativa. (...) O nono, da bondade civil, que consiste na conversação. O décimo pretende provar que, pela contiguidade de um mundo com o outro, o movimento de um impede o movimento de outro. O décimo primeiro, se este mundo é completo e perfeito, não há necessidade que se junto outro, ou se lhe juntem outros.

Esses são os motivos e as dúvidas, cuja solução encerra tanta doutrina, que bastam para descobrir os íntimos e radicais erros da filosofia vulgar, bem como a importância e a oportunidade da nossa. ⁷²

Como exposto: (NOTA, Nr. 71 p. 52) esta ausente originalmente uma explicação do décimo segundo, devido a um engano na produção da Obra original de Bruno. Para esta tarefa, novamente, trabalhando paralelamente com o Físico e Filósofo NEUSER⁷³, este contribui, mais uma vez, significativamente ao interpretar os doze argumentos de BRUNO, que devido à quantidade, será dividida essa tarefa.

⁷¹ “Há aqui um erro de transcrição. O texto original repete a numeração “settimo” quando na realidade este parágrafo é o oitavo.” (N.do T). BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO: nesta ver Nota Nr. 40, (N. do. T) p.79.

⁷² BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO. p.11.

⁷³ O autor, Wolfgang NEUSER, formado em Física e Filosofia pelas universidades de Heidelberg e Kassel, é livre docente em Filosofia e professor visitante na PUCRS. Autor da obra: **A infinitude do mundo**, que tem como objetivo ser um guia a obra: **Sobre o infinito, o universo e os mundos**, de Giordano Bruno.

Assim segue a exemplificação dos 5 (cinco) primeiros argumentos de ALBERTINO por conta de NEUSER:

Bruno afirma que Aristóteles faz inferências baseado em pressupostos falsos. A argumentação que dá vantagem ao modelo de Bruno é a observação das estrelas na penúltima esfera de Aristóteles, tal como a seus pormenores as argumentações têm o seguinte teor:

1 – Bruno recorre ao seu próprio modelo.

2 – Existem inúmeros motores para cada corpo, assim como a existência da alma no corpo.

Portanto, sob o ponto de vista do número e da multidão, há um infinito móvel e um infinito movente; mas na unidade e singularidade existe um infinito motor imóvel, um universo infinito imóvel; e este número infinito e esta grandeza e aquela infinita unidade e simplicidade coincidem num princípio simplíssimo e individual, verdadeiro, existente⁷⁴. Assim, não existe um princípio móvel, ao qual, com certa ordem, suceda o segundo, até o último ou infinitamente; mas todos os móveis estão igualmente próximos e afastados em relação ao primeiro e universal motor. Como, logicamente; mas todos os móveis estão igualmente próximos e afastados em relação ao primeiro e universal motor. Como, logicamente falando, todas as espécies possuem igual relação ao mesmo gênero, todos os indivíduos à mesma espécie, assim, de um infinito motor universal existe um espaço infinito, um movimento universal infinito, dele dependendo infinitos móveis e infinitos motores, sendo cada um deles finito em volume e em eficácia.⁷⁵

3 – Referente à determinação relativa dos conceitos “*acima*” e “*abaixo*”, ocorre uma recusa.

4 – Na natureza existe uma medição das contradições, como entre os corpos aquosos e os ígneos.

5 – A argumentação de Aristóteles está relacionada com um mundo plano. Nesse lugar não existem seis mundos. Bruno apresenta essa argumentação em seus livros de 1591, onde também são encontrados erros. Jungius observou isso em 1640, como foi comprovado nos seus manuscritos inéditos. Jungius foi o primeiro a dar prova do conceito de “átomo” na química.⁷⁶

Os outros 7 (sete) argumentos restantes de ALBERTINO, totalizando 12 (doze) serão abordados exclusivo a obra de Bruno, “abrindo mão”, do trivial trabalho de NEUSER que muito contribuiu até aqui. Como já foram citados os 12 (doze) argumentos originais de Bruno (Cit. Nr. 72, p. 48) e NEUSER já os interpretou

⁷⁴ Como conta em Nota: “*Como a quase totalidade dos autores da época, Bruno usa o termo “ente”, do texto original, com o significado de “existente.”.* (N.do T). BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO: (Ver N.do T.) p.83.

⁷⁵ O argumento 2 de BRUNO é justificado por NEUSER em citação direta a fonte; entretanto, diferente do original da citação de NEUSER, a título de análise optamos por expô-lo na íntegra: Trecho contido em: BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO p.83.

⁷⁶ NEUSER, Wolfgang, em: **A infinitude do mundo**: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 95-96.

os respondendo todos eles, aqui registrado os 5 (cinco) primeiros: (Cit. Nr. 76, p. 49), caberá então a tarefa de responder com BRUNO os últimos (os argumentos de 7 a 12) restantes:

Sete. Bruno, pelo interlocutor FILOTEU, argumenta que o universo é único e infinito “como um contínuo e composto de regiões etéreas e mundos; serem infinitos os mundos, cuja existência se deve admitir em diversas regiões do universo” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 88) Justifica sua afirmação com embasamento em Demócrito, Epicuro e outros que segundo Bruno contempla a natureza com olhos mais abertos assim como ele.

Oitavo. Aqui o Autor reconhece a limitação humana, como motivo para ser contra o oitavo argumento levantado por ALBERTINO que, por sua vez, afirma que a natureza humana limitada não pode encerrar a potência ativa. Giordano Bruno argumenta que embora haja limitação humana, pode-se recorrer à razão para acrescentar os espaços vazios.

Nono. Agora reflete os desdobramentos das discussões do argumento Oitavo: “Se, com abundância, se encontra já pronta à matéria, se o lugar está preparado, se aparece obstáculo, algumas coisas devem ser geradas (...)”. (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 89.)

Para esse gerar Bruno usa uma metáfora da Natureza como um semeador; Ela, a natureza, joga as sementes de um mundo que nasce e que para nós é visível, entretanto presume que da mesma forma que Ela jogou a semente no vácuo e visível é o mundo que nos cerca, outros mundos, frutos de outras sementes arremessadas ao vácuo, brotaram em regiões não conhecidas por nós: “você deve, com justa razão, acreditar que existam, (...) outros mundos, com outras raças de homens e diferentes espécies de animais.” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p.89)

Décimo. Bruno afirma que o responde da mesma maneira que responderá ao Quinto, em teoria oposta a Teoria dos Mundos de Aristóteles, está que afirma que “os mundos se tocam”, Bruno afirma que cada um tem seu espaço e que eles não se tocam e não se chocam um com o outro.

Décimo primeiro. Aqui é discutida a gênese, a criação dos seres, Bruno afirma que a tese de multiplicação da natureza não pode ser explicada unicamente por união e divisão de matéria, mesmo reconhecendo que: “um pai produz outro como filho”. (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 89), existem outros aspectos a serem levados em consideração, como o que ele cita: “porque de uma massa unitária, se produzem, por obra da eficiência do sol, muitos e diversos organismos com várias formas e inúmeras figuras.” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 90) Bruno, com base nesta observação, alega que na gênese, o momento de criação, os seres foram criados sem o ato de geração, e sim pela eficiência e força da natureza.

Décimo segundo. É o último argumento onde Bruno é contra a visão de que existe apenas este mundo sob a alegação de que ele é perfeito, não havendo necessidade de outros mundos. O autor é contrário a essa versão explicativa: “Da perfeição deste, ou daqueles, não resulta que aqueles, ou estes, sejam menos perfeitos; porque todos constam de partes próprias, e são, pelos seus membros, inteiros.” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 90)

ALBERTINO após ouvir toda a retórica de FILÓTEO tende a aceitar os seus argumentos:

Continue a fazer-nos conhecer o que é verdadeiramente o céu, os planetas e todos os astros; como são distintos, uns dos outros, os infinitos mundos; como um espaço infinito não é impossível mas necessário; como um tal efeito infinito se ajusta a uma causa infinita; qual é a verdadeira substância, matéria, ato e eficiente do todo; e como, pelos mesmos princípios e elementos, toda coisa sensível e composta é formada. Insista, até convencer, sobre o conhecimento do universo infinito. Destrua as superfícies côncavas e convexas que limitam dentro e fora tantos elementos e céus. (...)⁷⁷

ALBERTINO agradece as indagações de FILÓTEO e promete preparar-se melhor para futuras compreensões, FILÓTEO retribui agradecimentos: “Ser-nos-á extremamente grata a sua presença contínua.” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 90) ELPINO finaliza obra: “Agora vamos jantar.” (BRUNO: 1584 ed. 1978, p.90)

⁷⁷ BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978, DIÁLOGO QUINTO, p. 90.

3. CONCLUSÃO.

O Diálogo Quinto de Giordano Bruno reflete suas próprias inquietações, a de um homem preso em amarras formais de sua época e, de forma consciente, a busca de recursos que são usados pelo Autor para romper com o pensamento explicativo do período medieval. Entretanto, além da pressão externa exercida pela sociedade, em prol da tradição, defendida também pela Igreja, o processo também não é de forma pacífica internamente, em termos de pensamento do próprio pensador.

Testemunho disto, das demonstrações de angustia do pensador, não somente na Epístola Preambular onde mais claramente expõe seus pensamentos, como ao longo de sua obra, especialmente representada no Diálogo Quinto, no embate dos interlocutores criados da mente de Giordano Bruno, (sobretudo Albertino e Filóteo) afinal o mesmo escritor cria o discurso de mudança, porém argumenta com competência os de permanência, e foi lutando contra a tradição a qual o controverso personagem estava deveras imerso que Giordano Bruno contribui como um dos primeiros pensadores moderno.

Como é antagônico pensar em um ambiente com sinais de não ser favorável para mudança, com suas rigorosas punições, tornar-se tão promissor para elas, Bruno foi neste sentido favorecido pelo seu tempo em nível de intelectualidade, por razão de haver uma demanda para sua filosofia. Mesmo não explicando a complexidade de Bruno o “Novo” e platônico ambiente europeu vivenciado pelo mesmo, que é o “surgimento” do embasamento teórico oposto a Aristóteles, fornece aos pensadores do período motivo a se posicionar, ou para manutenção ou para mudança, gerando temáticas que, a exemplo de Bruno, abriria precedentes modernos, e, conseqüentemente, menos simpático ao discurso Aristotélico-Ptolomaico aceito e defendido pela Igreja, para uma aproximação com “novos” pensadores.

Este novo ambiente platônico contou com contribuição significativa de Giordano Bruno com sua célebre obra: Sobre o Infinito o Universo e os Mundos e que, diferentemente da sua obra anterior, é considerada acadêmica. Porém essa

sua obra anterior; A Ceia das Cinzas, a qual Bruno democratiza a teoria de Copérnico, é inegável como um passo fundamentalmente importante e registrado no desenvolvimento intelectual do Autor; que, em hipótese, não teria motivos para ter elaborado a sua célebre obra: *De l'Infinito, Universo et Mondi*, sem a crítica da sua obra anterior, *La Cena de le Ceneri* e logo não teria debatido documentalmente com a base intelectual aristotélica do período como o fizera, apenas aceitando-a.

A falta da documentação oficial deixa no ar a hipótese mais próxima da verdade que motivou o assassinato do pensador; será? Existiria algo mais grave do que ter ido contra, documentalmente, a filosofia escolástica e se tornar popular por isto? Ou a morte de Giordano Bruno ocorreu pelo simples fato de a Igreja neste período não tolerar alguém que desistira da carreira de padre, visando preservação da imagem da instituição?

Consideramos, portanto que estes e outros questionamentos trabalhados ao longo desta monografia se tratam de questões que podem ser mais complexas do que comporta o espaço deste texto. Dessa forma, encerramos este trabalho com um dos grandes aprendizados deixados pelo pensador: “Quem quiser julgar corretamente, como já falei, deve saber despojar-se do costume de acreditar, deve considerar igualmente possível tanto uma como a outra contraditória”. (BRUNO: 1584 ed. 1978, p. 74) (p. 25 c)

4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALVIM. Márcia Helena, **O conhecimento europeu acerca da natureza: a Filosofia Natural e as crônicas elaboradas na Nova Espanha do século XVI** (Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC Campinas, 2006).

BAZAN. Garcia Francisco, **La Religion Hermetica**. Buenos Aires: Lumen, 2009.

BETHENCOURT. Francisco, **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV-XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOMBASSARO. Iuiz Carlos, **Giordano Bruno e a Filosofia na Renascença**. Caxias do Sul: Educs, 2008.

BRUNO. Giordano, **Sobre o infinito, o universo e os mundos**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BOSSY. John, **Giordano Bruno e o Mistério da embaixada**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

BOUTIER. Jean, e DOMINIQUE. Julia, Passados recompostos, **Campos e Canteiros da História**, Editora UFRJ; Editora FGV, 1998. Pág. 33.

DESCARTES. Renê, **Regras para a direção do espírito**. Lisboa: 1989.

GALILEI. Galileu, **O ensaiador**. Tradução: Aristides Lobo, Helda Barraco e Nestor Deola. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GONZAGA. João Bernardino Garcia, **A Inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 1993.

GONZALES. Frederico, **Hermetismo y Masoneria**. Buenos Aires: Kier editorial, 2009.

HAUGHT. James A. **Perseguições religiosas**. Tradução: Bete Rorii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

HILL. Christopher, **A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HILL. Christopher, **O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. Tradução, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KOYRÉ. Alexandre, **Do Mundo Fechado ao Universo Infinito**. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2006.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas** / tradução: Beatriz Vianna Doeira e Nelson. Boeira. - 9. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2006.

LENZ, Sylvia Ewel, **Francesco Guicciardini: O Renascimento da História**. Londrina: Eduel, 2004.

NEUSER, Wolfgang, **A infinitude do mundo: notas acerca do livro de Giordano Bruno *Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos*: 1584**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

NOGUEIRA, Carlos Alberto Figueiredo, **As práticas mágicas no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1991.

ORDINE, Nuccio. **O umbral da sombra**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TURRO, Salvio. **Descartes – Del Hermetismo a la Nueva Ciencia**. Barcelona: Anthropos, 1995.

YATES, Frances. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução: Tradução: Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1987.

4.1 OUTRAS REFERÊNCIAS:

FILME:

Titulo original: GIORDANO BRUNO, de Giuliano Montaldo, com Gian Maria Volonté e Charlotte Rampling, da Versátil Home Vídeo, 1973. Duração de: 114 min. País de Produção: Itália, França. Gênero: Biografia – Drama – Religioso.

REVISTA:

REVISTA BBC HISTÓRIA: Cristianismo *A Verdade Sobre a Vida de Jesus* **E os Mais Turbulentos Capítulos da História Cristã**. São Paulo: Tríada, 2011.

WEB:

COLEÇÃO: Os Pensadores: **Os Pré-Socráticos - Vida e Obra**. Seleção de textos e supervisão: Prof. José Cavalcante de Souza: Tradução: José Cavalcante de Souza, Arma Lia Amaral de Almeida Prado, Ísis Lana Borges, Maria Conceição Martins Cavalcante, Remberto Francisco Kuhnen, Rubens Rodrigues Torres Filho, Carlos Ribeiro de Moura, Ernildo Stein, Arnildo Devegili, Paulo Frederico Flor, Wilson Regis São Paulo: Editora NovaCultural, 1996. Disponível em: http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros e <http://groups.google.com/group/digitalsource> Acesso em: 14 ago. 2012.

Yahoo! Respostas. Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061211154400AAUJy9C> Acesso em: 12 jan. 2012.